

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

JOSÉ FREIRE SOBRINHO

**EXERCITANDO À TOLERÂNCIA COMO FERRAMENTA DE RESPEITO À
DIVERSIDADE RELIGIOSA NA COMUNIDADE ESCOLAR.**

JOÃO PESSOA

2017

JOSÉ FREIRE SOBRINHO

**EXERCITANDO À TOLERÂNCIA COMO FERRAMENTA DE RESPEITO À
DIVERSIDADE RELIGIOSA NA COMUNIDADE ESCOLAR.**

**Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de licenciatura em
Ciências das Religiões, Centro de Educação,
Universidade Federal da Paraíba.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suelma de Souza
Moraes**

JOÃO PESSOA

2017

F866e Freire Sobrinho, José.

Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa na comunidade escolar / José Freire Sobrinho. – João Pessoa: UFPB, 2017.

52f. : il.

Orientadora: Suelma de Souza Moraes
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências das religiões) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Intolerância religiosa. 2. Religião. 3. Educação. 4. Escola. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 2:37(043.2)

JOSÉ FREIRE SOBRINHO

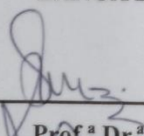
**EXERCITANDO À TOLERÂNCIA COMO FERRAMENTA DE RESPEITO À
DIVERSIDADE RELIGIOSA PARA UM CONVÍVIO HARMONIOSO DA COMUNIDADE
ESCOLAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção
do título de licenciatura em Ciências das
Religiões, Centro de Educação, Universidade
Federal da Paraíba.

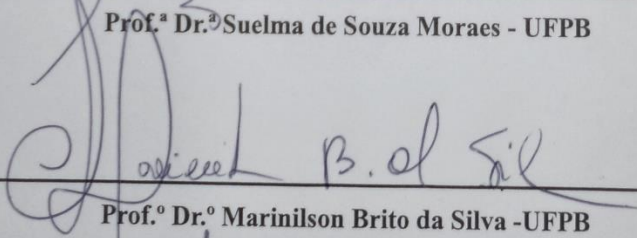
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suelma de Souza Moraes

Aprovada em 28 de 11 de 2017

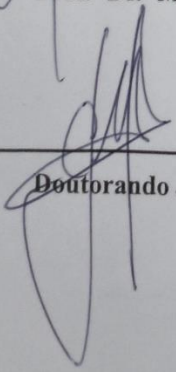
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Suelma de Souza Moraes - UFPB



Prof.º Dr.º Marínilson Brito da Silva - UFPB



Doutorando José Carlos de Abreu Amorim - UFPB

A tolerância é a melhor das religiões.

Victor Hugo

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, ao meu pai Valdemar Freire da Silva, minha mãe Josefa Marinho dos Santos, Dori Edilane Muniz do Nascimento e aos meus irmãos Valdecy Freire da Silva e Dennison Fellipe Freire.

As Amigas Adriana de Souza Dantas, Driely Xavier de Holanda, Geralda Maria, Claudicéa Nunes, Eleonora Elisa, Joana Coeli, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Aos amigos Pe. Vandilson Paulino, Pe. Sérgio Santos e o Professor Sinfrônio Lima (Biodança) pelo incentivo e conforto por meio de palavras nos momentos de dificuldades para a realização deste trabalho.

Agradeço à equipe de gestores, técnicos, educadores e educandos da E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel – turno da tarde.

A professora orientadora Dr^a Suelma Moraes, pela orientação.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O TRANSCENDENTE NA VIDA HUMANA: PONTO INICIAL DA RELIGIÃO.....	13
2.1 INTOLERÂNCIA O INÍCIO DO CONFLITO RELIGIOSO, A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE SANAR.	
2.2 O TRANSCENDENTE PONTO DE CONVERGÊNCIA E O SAGRADO COMO ESTÍMULO AO DIÁLOGO HARMONIOSO.	
3. A EDUCAÇÃO: ENTRE GAIOLAS E ASAS, A INTOLERÂNCIA.....	21
3.1 CAIXA DE FERRAMENTAS E CAIXA DE PRESENTES, INSTRUMENTOS DO EDUCADOR.	
3.2 O EU E O OUTRO, DESPERTOS E OPONDO-SE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.	
3.3 A EDUCAÇÃO DESPERTADORA DE VALORES E DOS DIREITOS HUMANOS.	
4. ESCOLA NO RÍTMO DA VIOLÊNCIA E DOS REGISTROS TECNOLÓGICOS.....	29
4.1 SALA DE AULA ESPAÇO DE CONVÍVIO E DE INTERVENÇÃO DO ESTADO.	
5. TEATRO, A SUPERAÇÃO DA INTOLERÂNCIA PELO ENCONTRO.....	39
5.1 SER LIVRE PARA PENSAR PARA ALÉM DAS FORMAS ESTATAIS.	
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
 ANEXOS.....	 46
REFERÊNCIAS.....	51

RESUMO

Este Trabalho tem por finalidade demonstrar a importância da disciplina de Ensino Religioso na construção da cidadania e na superação da intolerância religiosa na comunidade escolar. Considerando que os conteúdos relacionados à disciplina abordam alguns aspectos relevantes aos Direitos Humanos e da convivência entre as pessoas resultado do convívio na sala de aula que vem a ser um espaço propício para o desenvolvimento do pensar crítico e formação humana abordando também aspectos da pluralidade cultural, segundo Araújo (1988), Fonaper (1997) e Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), sem dispensar outros elementos sociais no entorno da escola que sofrem sua influência de maneira extensiva pelo aprendizado do educando e do uso de meios tecnológicos. Desta feita o trabalho apresenta os instrumentos didáticos pedagógicos capazes de despertar no educando e na comunidade escolar envolvida pelo mesmo o respeito e aprendizado acerca do conviver com o diferente e com sua religião, propiciando assim, efetivar por meio das atividades desenvolvidas durante o ano letivo de 2017 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Daura Santiago Rangel, a exemplo de produção de textos, debates e trabalhos de pesquisas extraclasse, e principalmente, o uso do blog, como afirma Seabra (2010), produzir e expandir os resultados do conhecimento realizados por meio do “mural eletrônico” (Templo de Clio (História) educfreirehistoria.blogspot.com/) da Gincana Cultural e Fórum Cultural, às ações de produção intelectual dos educandos com o envolvimento da comunidade escolar como meios de superação da intolerância religiosa.

Palavras-chave: Intolerância Religiosa. Educação. Comunidade Escolar.

ABSTRACT

This Work aims to demonstrate the importance of religious education in the construction of citizenship and in overcoming religious intolerance in the school community. Whereas the content related to the discipline approach some aspects relevant to human rights and coexistence among people result of conviviality in a classroom that is a space conducive to the development of critical thinking and human formation covering also aspects of cultural plurality, according to Araújo (1988), Fonaper (1997) and national curriculum Parameters (1998), without dispensing other social elements surrounding the school suffering extensive way influence your for learning from the learner and the use of technological means. This time the work presents the educational pedagogical instruments able to awaken in the learner and the school community involved by the same respect and learning near the live with the different and with your religion, thus, effect by among the activities carried out during the school year of 2017 on State School of primary and secondary school Santiago Rangel, Daura of text production, debates and research work after, especially, the use of the blog, as stated by Samuel (2010), produce and expand the results of knowledge realized through the "electronic wall" (Temple of Clio (history) educfreirehistoria.blogspot.com/) of Cultural and Fun Cultural Forum, to actions of intellectual production of the students with the school community involvement as a means of overcoming religious intolerance.

Keywords: religious intolerance. Education. Community School.

1. Introdução

O Ensino Religioso é uma disciplina descritiva e reflexiva sobre os fundamentos, costumes e valores de uma ou mais religiões, podendo ser ensinado tanto no ambiente doméstico quanto no ambiente escolar. O Ensino Religioso propicia o trabalho interdisciplinar e desenvolve a argumentação crítica, além de tratar sobre algumas religiões existentes.

Existem diversas religiões espalhadas pelo mundo, onde cada indivíduo tem a liberdade de escolher que segmento seguir, por exemplo, o cristianismo, o islamismo, o budismo, o hinduísmo, dentre outras. Assim, procurando apresentar suas origens e como a religião atua no comportamento do indivíduo em sociedade por meio da religiosidade expressa pelos seus seguidores, evidenciam-se a importância da mesma para criar laços de união entre os seres humanos, cujo aspecto comum seria a busca transcendental, como afirma (SILVEIRA et al., p.8):

Deste modo, o fenômeno religioso, entendido como algo que se manifesta na experiência humana, resultado do processo de busca que o humano realiza na procura de sentido para a vida, está presente de modo diverso em todas as culturas, integrando os conjuntos de conhecimentos que caracterizam e estruturam as sociedades.

A curiosidade, a busca por explicação existencial, quer seja humana através das técnicas desenvolvidas para o convívio social, ou para além da matéria orgânica (o além-mundo), tornaram o ser humano uma espécie curiosa e em busca de respostas existenciais e do novo que o faz pensar e construir sua história. Mas, somente em sociedade é que sua completude humana, histórica e religiosa se dá. *O homem é um animal social: tudo o que emerge nele acima do animal, ele deve à sociedade* (STEIGER, 1998, p. 131).

Em grupo, e desde infância, há uma aquisição moral e cultural resultante do convívio coletivo diário. Do lar à escola, devido à troca de conhecimento construído socialmente, seu patrimônio intelectual emerge pelas resoluções de problemas sociais e existenciais, sendo à escola umas das instituições sociais provedora dos conhecimentos necessários para sua completude humana.

Graças à contribuição da sociedade, durante o longo tempo de escola, ele adquire um enorme e minúsculo parte do patrimônio cultural mundial [...] herda em seu corpo uma mecânica maravilhosa, e em seu espírito – não sem esforço aliás - um fluxo cultural e espiritual que se lhe servirá para continuar sua ascensão em benefício pessoal e no da sociedade (STEIGER, 1998, p. 131).

Na sociedade contemporânea, onde o predomínio das novas tecnologias é parte construtiva dos saber educacional, como também gerou instrumentos capazes de reunir pessoas de forma grupal, dois elementos constitucionais do ser humano emergem: a identidade e memória. A escola por sua vez é um dos espaços viáveis para a vivência e troca

de experiências que também contribui para a formação da identidade, no caso estudado, a identidade humana do educando, como afirma (FERREIRA & FRANCO, 2009, p.86):

É possível definir identidade como processo pelo qual uma pessoa se reconhece e constrói laços de afinidade, tendo como base um atributo ou conjunto de atributos que o distingue dos outros pelo local de nascimento, religião, origem familiar ou profissão, por exemplo. Assim, a noção de identidade pode referir-se às formas como indivíduos ou grupos/coletividades se reconhecem ou se assemelham por meio de um traço característico ou de uma diferença comum, constituindo, ao mesmo tempo, um elemento distintivo ou unificador.

No ambiente escolar para que ocorra uma boa convivência coletiva se faz necessário o aprendizado da tolerância religiosa, que mesmo em meio às diferenças poderá ser desenvolvida, desde que se aplique na metodologia educacional na sala de aula um estudo que relacione temas e histórias acerca da busca de resposta ao transcendente e de temas que contribuam para refletir acerca do conviver humano em diversos períodos, proporcionando assim uma reflexão acerca do passado, presente e futuro da relação do ser humano com o além-mundo em sociedade. *A memória não é neutra e é recuperada sempre em função das demandas do presente. Assim, falar de memória significa ter em mente uma relação que envolve o passado, o presente e o futuro* (FERREIRA & FRANCO, 2009, p.87).

Assim, o fenômeno religioso por está inserido em todos os momentos da vida do educando quer se tenha noção ou não disso, e muitas vezes ditando como agir e como se portar perante o outro quando este pertence a alguma denominação religiosa, é que o educador na sua função social venha abordar temas afins acerca da tolerância ajudando-os na compreensão da importância do Ensino Religioso na construção da harmonia humana.

O caráter não confessional da disciplina permite a reflexão, e traz à aula uma possibilidade de entender o outro e respeitá-lo como um ser diferente nesse conviver diário de aprendizagem se abre a possibilidade de aprender com o diferente e entender seu modo de atuar socialmente, a partir do modo de crer da religião a qual pertence.

A aula de Ensino Religioso deve ser uma forma agradável de o aluno entender seus preceitos e entender a sociedade em que vive, interagindo e respeitando a todos. É aqui que entra a questão da tolerância, da alteridade, que caso não seja enunciada e de certa forma vivenciada pode acarretar formas autoritárias de convivência e extremismo.

Toda pessoa, povo e cultura contém algo que é de extrema relevância para os demais, por mais diferentes que estes o sejam entre si. Enquanto grupos e/ou pessoas pretenderem ter a exclusividade sobre a verdade e perdurar esta estreiteza de visão, a paz mundial permanecerá um sonho inatingível (FONAPER,1997**apud** SILVEIRA et al.,2015, p.6).

O conteúdo ensinado em sala de aula da disciplina Ensino Religioso em um mundo informatizado pode apresentar de forma abrangente as ideias e estudos realizados pela comunidade escolar, sendo estes instrumentos de contra ponto a pensamentos difundido no meio social que impedem a boa convivência com o outro e suas diferenças humanas.

Desta feita, apresentar por meio de postagens, vídeos, produção textual, imagens e diversos outros trabalhos realizados pela comunidade escolar referente aos conteúdos desenvolvidos em Ensino Religioso, acarreta uma aprendizagem sobre “ser tolerante” para um convívio harmonioso na escola e fora dela, sendo o blog, enquanto mídia eletrônica em um mundo globalizado por meio da Internet um instrumento de expansão destes saberes construído coletivamente na escola.

Os blogs são uma excelente forma de comunicação, permitindo que seus autores se expressem de acordo com suas convicções e visões de mundo e que outras pessoas possam ler e registrar comentários sobre a produção textual apresentada. Isso vale tanto para professores terem seus blogs individuais, compartilhando pensamentos e informações com seus pares ou com pais e com alunos, como para uma classe ter um blog coletivo, ou os alunos fazerem blogs em grupos ou individualmente (SEABRA, 2010, p.14)

Portanto, levando em conta a importância da disciplina de Ensino Religioso como expoente do pensar humano ao longo da história na busca de resposta para o transcendente, e como expoente de temas pedagógicos que contribuem para uma harmonização da comunidade escolar, é que o projeto: *Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa para um convívio na comunidade escolar*, se propõe por intermédio de algumas atividades pedagógicas que serão registradas no blog, difundir a ideia da tolerância religiosa na comunidade escolar, procurando expor por meio de murais eletrônicos a produção educacional que tratem da diversidade religiosa e da tolerância, instrumentos importantes para construção da identidade e memória individual e coletiva.

2. O transcendente na vida humana: ponto inicial da religião.

Uma definição possível para o ser humano é um ente que procura resposta para sua existência. Estar no mundo é se descobrir como um ser que necessita desenvolver suas habilidades para sobreviver, muitas vezes sozinho ou em agrupamentos humanos, é o que permite utilizar da sua habilidade maior, usar o cérebro e aquilo que seus movimentos motores o permitem realizar para constituísse como tal na história, ou seja, tornar-se um ser histórico, capaz de se transformar com as intervenções na natureza e através do tempo. O homem existe para ser livre e para traçar seu caminho existencial, fazer escolha com suas consequências é que o faz e refaz, e nesse jogo da sobrevivência usando da sua liberdade, o mesmo se aperfeiçoa como espécie. *O homem nasce condenado à liberdade, condenado a dever escolher seu caminho na vida* (STEIGER, 1998, p.63).

Com a evolução corporal e mental através da história, a lei instintiva, diminui frente aos desafios naturais e a criação própria para a sobrevivência em um mundo de desafios. Assim, com o amadurecimento humano por intermédio da cultura e das leis morais, o Homem se distancia do puramente animal para viver em sociedade com suas construções materiais e espirituais, produtos de sua força de pensar e de suas habilidades por meio do uso do cérebro mais desenvolvido.

Vivendo em comunidade a educação informal permeia os relacionamentos, e neste contexto, desde a infância vem passo a passo se beneficiando na elevação da superação do instintivo pelo criativo, pelo saber lidar a partir do aprendizado com o mundo que o cerca. *Na óptica da evolução, educar é elevar a criança acima da indiferença animal, acima de sua natureza egocêntrica. Elevá-la é fazê-la penetrar no mundo “sobrenatural” do homem. É despertar nela a consciência* (STEIGER, 1998, p.84).

A educação é a chave inicial para o desenvolvimento humano na terra, pois através dela estes puderam criar civilizações e até mesmo laços afetivos comuns somente à espécie Homo. Mas, além da educação que promove um sentido para o existir no mundo, para aprimorar as relações, veio a descoberta da finitude da vida também. A morte veio a dar uma conotação diferente a espécie humana, pois juntamente com esta veio às primeiras indagações sobre o sopro final da existência, e a pergunta: para onde vamos?

O desconhecido se apresenta, a pergunta para onde vão todos (as) depois que a vida se extingue, o toca profundamente. Na vida que surge e evolui através dos milênios da raça humana, perplexa se indaga para onde, o que acontece, em qual lugar vai ocupar aquele (a) que morre, fazendo surgir à consciência do mistério do além da vida. Aqui se pode afirmar

que a ideia de transcendente no sentido religioso surge. Na busca de resposta para algo indefinível que é o que acontece após cessar a existência terrena, surgem as primeiras indagações sobre o além da vida terrena. Contudo, a morte traz consigo uma indagação: “o que há por traz dessa finitude”? Ciente das suas possibilidades de transformar a natureza, agora a humanidade parte na busca de resposta para finitude terrena.

Assim, a morte, situação-limite por excelência, é tão fundamental, que as primeiras manifestações religiosas se concentram no culto dos mortos e, por consequência, no culto dos ancestrais [...] As religiões, portanto, fazem parte da cultura humana, presentes em todos os povos, em todas as épocas históricas. Nesse sentido, embora diferentes, todas têm algo em comum: a busca de uma relação com o mundo metafísico. (CATÃO, 1993 *apud* SILVEIRA et al, 2015, p.2).

Outro fator importante na formação da religiosidade humana encontra-se no convívio do homem com a natureza. Sabendo de seus limites o homem ao se deparar com a diversidade climática a sua volta cria estratégias para sobrevivência e muitas vezes de forma impensada fica a indagar o porquê da falta de domínio sobre os fenômenos que muitas vezes estão fora do seu alcance e de uma resposta racionalizada. Assim, o *homo sapiens sapiens* com suas incertezas e fragilidade diante de alguns fenômenos que não encontra resposta, passa a ser o *homo religiosus*.

Pôr um deus à frente de uma força selvagem e cega é denominá-lo, encerrá-lo num nome. Um deus denominado é um deus conhecido. Um deus conhecido já é um deus domesticado. Um deus domesticado é um deus manipulado por meio de orações, até de sacrifícios. Assim, cada força telúrica (tempestade, noite...), ciclo biológico (estações, colheitas, fecundidade...), cada instituição que garante a ordem política e social das cidades (caça, justiça, música, comércio...) tem, na origem, seu deus ou sua deusa (STEIGER, 1998, p.168).

Diante do medo do mistério que surge, só restam muitas vezes as respostas místicas para as forças inexplicáveis racionalmente, cuja criação de deuses (as) pode dar certo conforto no viver diário em mundo a ser descoberto.

2.1 Intolerância o início do conflito religioso, a educação como meio de sanar.

O ser humano, único da espécie animal que pensa, pode por intermédio do uso do cérebro tanto emitir informações como absolvê-las. Contudo, a informação também foi o meio de se adquirir poder, e também um instrumento para submeter o outro por meio da palavra e dos bens materiais adquiridos através da mesma.

Dominar faz parte do processo civilizatório e a religião como outras expressões culturais serviram de certa forma para dominar o outro. Existem vários exemplos históricos de

conflitos religiosos, apesar da essência da maioria das religiões pregarem a paz com o diferente e a tolerância a suas crenças e cultura. No entanto, é bom salientar que a religião por si só não é a mola central dessa engrenagem de conflitos, mas um instrumento dentre tantos que compõe a sociedade e sua engrenagem civilizatória. Assim, muitas vezes a religião quando não bem vivida em sua essência e quando está sob o domínio de grupos ou pessoas que dogmatizam seus ensinamentos, podem levar a extremismo capaz de aniquilar com o outro (o diferente culturalmente e religiosamente). No entanto, por ser formada por seres humanos, a religião também pode ser instrumento da prática de ações positivas como afirma SILVEIRA et al.(2015, p.5):

A intolerância religiosa pode causar espanto, mas muitos conflitos e guerras violentas foram e ainda são travados em nome de uma determinada crença religiosa ou de outra [...] religião, assim como a linguagem, pode endossar e subverter os sentidos, alienar pessoas e grupos sociais.

Neste sentido à intolerância pode adquirir formas desfaçadas de ensinamentos religiosos, mas que na verdade ao invés de tornar a humanidade mais harmônica a leva a separatismo. Desta feita, o papel da educação é de suma importância, o educador por meio de suas ações didático- pedagógica pode apontar para uma vida no crescimento humano e não na morte diária camuflada de gestos e ações intolerantes. Aqui vale ressaltar que a Educação também é responsável pelo ensino institucional e na dialética entre ambas podendo apontar para todos (as) que estão inseridos (as) em ao menos uma delas valores ligados à tolerância, pois à escola e a sociedade estão em comunicação, uma no caminho da educação formal (a escola) e a outra na informalidade, mas que reflete dialeticamente o que se produz com o saber formal do cotidiano escolar.

Em todas as manhãs da vida há o eu inicial; e em todas as noites, o eu final [...] Mas, para alguém caminhar na boa direção, deve saber de manhã o que quer ser à noite. Para os que têm o encargo e a missão da educação, é necessário que saibam que tipos de homens querem formar: robôs, fanáticos, dependentes do Estado ou humanos (STEIGER, 1998, p.240).

Seria ilusório se pensássemos que apenas com o puro saber tanto da educação formal como a informal pudéssemos resolver o problema dentro e fora da sala de aula da intolerância religiosa. Que apenas através das aulas expositivas e pregações dentro e fora dos locais religiosos tudo ficaria próximo da harmonia, mas somente através de ações concretas quer seja por meio de gestos, ações sociais e educacionais, é que se pode amenizar e apontar outras realidades capazes de aplacar de alguma forma a intolerância. Em outras palavras, se faz necessário criar o contraponto da intolerância com a tolerância por meio do ensinamento da compaixão, a humildade, o respeito, a confiança, o perdão, dentre outras ações cujo amor e

respeito sejam ferramentas capazes de modificar a sociedade, como afirma STEIGER (1998, p.168): *A melhor disposição mental para se acelerar a evolução moral da humanidade é uma virtude democrática: a tolerância [...] Aceitar os outros e tornar-se aceitável aos outros.*

Nesse caminhar da tolerância entre pessoas de crenças diferentes, o principal meio de propagar a tolerância seria abordar de maneira educacional os pontos comuns a todas, e dentre tantos destaco a oração (comunicação com o divino) e a própria essência de todas que é a busca de comunicação e uma “re- ligação” com o Transcendente.

A oração por definição seria o emissor e receptor pelo qual há uma ligação com o Transcendente, não sendo a única forma, mas, a mais usual. Podemos tratar como um fenômeno, contudo, deve-se em respeito à multiculturalidade existentes nos espaço escolar, não expressar uma em detrimento de tantas que há em diversos segmentos religiosos, mas, ensinar segundo a definição de STEIGER (1998, p.242): *Que é oração? Vista da terra, é uma orientação do pensamento emissor para o mundo espiritual e, ao mesmo tempo, uma abertura do pensamento receptor para o espiritual.*

Portanto, no trajeto da tolerância se faz necessário apontar as atitudes comuns, mesmo que diversos no tocante aos seus rituais e formas de celebração do Transcendente existente em várias religiões. Também é importante lembrar que além da comunicação na oração, há também em comum a todos os segmentos o poder curativo que cada uma pode trazer ao seu modo por meio dos ritos de oração, demonstrando assim que mesmo com doutrinas “diferentes” entre alguns grupos, este é mais um fator que pode levar a entender que mesmo diferentes religiões este são mais um fato de igualdade nas denominações religiosas como diz STEIGER (1998, p.243): *A oração dos homens pela vida, pela paz, pela cura, pelos outros é uma ação comum. A ação une, ao passo que as doutrinas dividem.*

Portanto, ao olhar o Outro e no convívio diário, quer seja na sala de aula da escola ou em qualquer outro espaço da sociedade, desde que, munidos de um conhecimento teórico-prático acerca de temas confluentes, discurso este, ao menos em sala de aula, mediado pelo educador e suas ações pedagógicas efetivas, podem trazer um resultado que harmonize ao invés de separar como prega alguns doutrinadores religiosos, a mídia e até mesmo aqueles (as) que ignoram a igualdade humana, e que o Outro é parte de minha responsabilidade no convívio na sociedade muitas vezes separatista e egocêntrica pelo consumo das curas, milagres e encontro com o divino de maneira a não aceitar o diferente.

O princípio da ética da alteridade é o respeito pelo diferente – o Outro. O rosto do Outro convoca, interpela e convida. A ética da alteridade revela, no rosto do Outro, seu infinito. Esta compreensão quebra paradigmas tradicionais estabelecidos por outras éticas. O que identifica o Outro é o seu rosto e é, muitas vezes, no rosto do

Outro que o Eu encontra a sua própria identificação. O ser humano se vê no Outro, pois há uma interpelação, quando está diante do rosto do Outro. Assim, não há ética quando se considera só um indivíduo, não há ética quando construída a partir do Eu considera do protótipo de toda a humanidade (SILVEIRA et al, s/a, p.6).

No espaço escolar, por exemplo, onde a disciplina de Ensino Religioso, deve exercitar o conhecimento das diversas religiões, como também apontar os pontos de convergências entre religiões na busca da superação das diferenças religiosas, que muitas vezes levam ao conflito étnico e a desarmonia entre os educandos dentro e fora do espaço escolar, apresentar o Transcendente como algo inerente ao ser humano e o sagrado como instrumento cuja base é o amor, e amar constitui-se também de tolerar as diferenças, pode acarretar uma diminuição das diferenças.

Nos conteúdos tratados em sala de aula, apontar historicamente que apesar das suas especificidades as religiões tem mais pontos convergentes do que divergentes, leva a um entendimento que assim como elas, são os seres humanos, que apesar de ser um mosaico cultural apresentam muitos pontos de aproximação, a exemplo do amor, compaixão e a solidariedade.

Historicamente, há muitas religiões e grupos religiosos que guardam aproximações entre si, entretanto, o desconhecimento a respeito dessas afinidades é uma das fontes da intolerância. Parece residir, nos sentidos e nas particularidades de sentidos, a necessidade de uma busca de compreensão e percepção, acolhida e valorização das diferenças e, conseqüentemente, dos diferentes (SILVEIRA et al, 2015, p.6).

Na apresentação dos conteúdos como também da relação Educador e educando, outro aspecto didático que deve ser enfatizado é o diálogo. Nesse sentido, desde um poema até mesmo imagem expostas em um blog, podem suscitar o diálogo. *O ensino escolar ganha na medida em que pode utilizar da diversidade de interpretações como forma de enfoques, próprias do conhecimento* (FERREIRA & FRANCO, 2009, p.103).

Portanto, é a o diálogo que poderá fazer convergir pontos comuns do viver espiritual do educando, como também diminuir o espaço entre os mesmos. Porque nessa vivência a partir do conteúdo trabalhado na sala de aula com suas participações por meio de construções dos trabalhos pedagógicos é que as distâncias diminuem e o Outro torna-se mais próximo e parecido comigo.

É no exercício do diálogo com o diferente, que o ser humano gesta a possibilidade de se flagrar também um diferente e um Outro, diante de alguém Outro. Dialogar não é falar do Outro, sobre o Outro, dialogar é prioritariamente falar **com** o Outro (SILVEIRA et al, 2015, p.7).

2.2 O Transcendente ponto de convergência e o sagrado como estímulo ao diálogo harmonioso.

Como será o Transcendente? Qual será o entendimento do educando sobre como ele atual em seu cotidiano? Para o diálogo existir se faz necessária a participação de todos (as) na busca de respostas. O sagrado por que será sagrado? E os sagrados de cada segmento religioso se unem ou são distintos?

Por Transcendente sigo uma definição de que o tempo caminha conjuntamente com este. Que se formos analisar o humano na sua origem, ao se constituir como espécie homos, o transcender já fazia parte de sua história. Dito de outra forma, a partir do instante que o tempo começa a caminhar com a existência humana, pode-se dizer que o Transcendente acompanha a espécie humana desde que enquanto sujeito histórico transforma o meio em que vive se refazendo continuamente e mantendo sua existência enquanto espécie, ou como diz BOFF (2000, p.26): *[...] Quando falamos filosoficamente em existência, dizemos : ex-istência. Estamos sempre nos projetando para fora (ex), construindo nosso ser. Nós não o ganhamos pronto. Nos o moldamos mediante a nossa liberdade, mediante os enfrentamentos e intimidações do real.*

Então, a cada dia vivido na sala de aula, transcendemos porque entramos de uma forma educacional e devido aos conteúdos e novos aprendizados podemos confrontar com outras realidades tais como: a família, vizinho e até mesmo com o caminhante. Se o assunto tratado nos leva a entender que desde minha transformação intelectual até na oração que pratico posso transcender, então não sou o único a partilhar isto, o Outro também o é, mesmo que de forma inconsciente e alienada.

No momento que percebo o Outro apesar de suas diferenças culturais, vivendo e convivendo com este no ambiente escolar, ou até mesmo como um cidadão que possui seus direitos e deveres sociais, e isso pode ser inserido para a sala de aula, desde que haja um espaço para o diálogo, podemos sair mais fortalecido, entendo que existir não é uma repetição cansativa das mesmas coisas, mas que a cada nova aula e novos temas, mudaram nosso ser e daquele com o qual dialogamos.

O diálogo é um espaço de interação e educação, que provoca e encaminha a libertação comunitária. Nesse exercício, saberes são socializados, revendo situações, limites, posturas, decisões, em um movimento que atinge, emociona, desaloja e desafia o individual e o coletivo, onde o objetivo e o subjetivo se casam numa dança em que o corpo expressa o conflito e o desejo do surgimento de uma nova consciência, um novo passo (SILVEIRA et al, 2015, p.8).

O Transcendente segue seu percurso da convergência porque sendo “propriedade” humana, já que nasce em cada um, que acima de tudo somos seres de contestação e a escola vem a ser um dos espaços propício a este e no ato de contestar, superar ideias, transformá-las, em suma, participar efetivamente das atividades da disciplina Ensino Religioso na comunidade escolar, acarreta mais uma vez um encontro com o Transcendente, mesmo que sendo longe do ambiente sagrado, podemos através do ensino-aprendizagem expressar o Transcendente que poucos reconhecem, que forma a estrutura de base do ser humano, como afirma BOFF (2000, p.28): *Então temos essa dimensão de abertura, de romper barreiras, de superar interditos, de ir para além de todos os limites. É isso que chamamos de transcendência. Essa é uma estrutura de base do ser humano.*

Portanto, somente no exercício da liberdade e do diálogo na comunidade escolar e porque não dizer fora desta, já que carregamos uma mente e um corpo para onde quer que vá, e no exercício diário do aprender escolar é que tudo isso nos leva a liberdade, já que adquirimos certa autonomia por intermédio do conhecimento. *Aprender a posicionar-se de forma que compreenda a relatividade de opiniões, preferências, gostos, escolhas é aprender o respeito ao outro. Ensinar suas próprias práticas, histórias, gestos, tradições, é fazer-se respeitar ao dar-se a conhecer* (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.138).

A escola também é o “lugar do sagrado”, cada pessoa que compõe a comunidade escolar traz consigo suas experiências sacras quer seja de forma consciente ou não. Cada um também segue suas preferências religiosas.

A diversidade religiosa manifesta-se no contexto escolar na multiplicidade de comportamentos, atitudes, valores, símbolos, significados, linguagens, roupas e sinais sagrados, bem como nos referenciais éticos e morais utilizados pelos sujeitos para realizarem suas escolhas em relação ao outro, ao mundo e à vida (SILVEIRA et al, 2015, p.8).

Desta feita, o respeito pela sacralidade e suas manifestações devem pautar o eixo norteador da disciplina de Ensino Religioso, como também o instrumento básico para manter a intolerância distante. O sagrado encontra-se muitas vezes de forma “disfarçada” por instrumentos e gestos que muitas vezes no cotidiano escolar não é respeitado por não haver uma orientação para o respeito ao Outro. O sagrado surge como afirma ELIADE (1992, p.13), a partir da hierofania tão presente no cotidiano humano em diversos tempos históricos e lugares, e nem por isso, a escola deixa de expressar suas hierofanias.

A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania [...]A partir da mais elementar hierofania– por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore–e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade.

Assim, tanto a escola como a disciplina de Ensino Religioso devem abrir espaço para a coexistência entre os diferentes, propiciando a igualdade de oportunidades de aprendizado e de participação nas atividades desenvolvidas no seu interior, como versa na Constituição Federal de 1988: Art. 5º, parágrafo XLII “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão nos termos da lei” e no parágrafo VI e IX “é inviolável a liberdade de consciência e de crença...; é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação”.

Destarte, não aceitar o Outro é de certa maneira cultivar a intolerância, e no Brasil cujo regime político se pauta na democracia, a tolerância é o sustentáculo precioso e que deve ser aprendido na escola, e pelos educandos e a comunidade escolar de um modo geral. Pensar em uma escola democrática é pensar na tolerância religiosa, no respeito ao Transcendente e ao sagrado manifesto nos seus componentes que constitui o espaço educacional escolar.

Pensar a diversidade em sua multiplicidade de textos e contextos, presença das singularidades na pluralidade, buscando romper uma perspectiva histórica e monocultural da educação, é pauta intransferível para todo e qualquer processo de educação (SILVEIRA et al, 2015, p.8).

Desta feita, cabe ao educador na medida das possibilidades reais do cotidiano escolar, desvelar por suas ações a tolerância por meio do convívio entre os diferentes, e claro, suscitando atividades pedagógicas capazes de despertar esse sentimento no educando para que o mesmo tome consciência dos seus atos e ações, podendo rever situações de intolerância procurando corrigi-las, e para tanto a definição de Augusto Cury encaixa muito bem nesse contexto: “Tolerância não é uma opção nas relações humanas, mas uma necessidade insubstituível”.

3. A educação: Entre Gaiolas e Asas, a intolerância.

Se há uma necessidade em não aceitar a intolerância religiosa, o que dirá acerca da educação que ninguém escapa. Por isso, como afirma BRANDÃO (1994, p. 7): *Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.*

Ao falarmos de Educação humana, já neste momento, existe um corte que nos faz ser diferentes de outros seres que ocupam o planeta terra. O Homem ser único que transforma a natureza à medida que juntamente com esta se faz em sua essência se distanciou das demais espécies animais por ser capaz de ser utópico, de sonhar e não encaixar em moldes muitas vezes construídos sob a égide da escola que se diz educativos.

Aqui podemos chegar a dois caminhos, seguiremos uma educação para a transformação (asas) ou apenas para aprisionar (gaiolas). Na educação transformadora o aforismo de Rubem Alves nos põe de alerta: *"Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas". Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle...*¹. E neste aspecto que no Homem não cabe encaixes, haja vista que o mesmo com seu pensar transcende o espaço e o tempo.

Por meio da Educação que pode ser formal (acadêmica) e informal (cotidiano) o ser humano se faz e refaz, é por meio do aprendizado que as asas (o pensar criativo) alçam voo. Contudo também não se pode esquecer que toda uma gama de ideias que formam a identidade humana perpassa por ela.

Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de interações, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano (BRANDÃO, 1994, p.14).

No processo de aprendizado de forma a libertar, dar asas a sua imaginação o homem segue seu projeto de ser e transcender. E nesse processo, existem também diversos fatores e o maior é que para educação prosperar há uma necessidade da comunidade participar, porque o ser humano é um entrelaçamento de relações. Assim, em comunidade podemos nos reconhecer e reconhecer o outro, a exemplo do que ocorre na escola, e especialmente, na sala de aula, lugar específico e de atuação do educador de Ensino Religioso com uma diversidade enorme de identidades religiosas.

¹ (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200109.htm>)

Nesse momento, podemos dizer que surge a ideia de tolerância porque o diferente se contrapõe e nos leva a refletir sobre nós e nossa conduta. Sem dúvida, a tolerância se instaura a partir do reconhecimento da existência do outro, que além de ocupar um espaço, tem direitos e deveres, como eu, mas é essencialmente diferente de mim (MACHADO, 2002, p.80).

Muitas vezes é na escola que se impede certas discussões ou até mesmo de trabalhar a diversidade cultural, já que o educador sem um conhecimento acerca da pluralidade religiosa existente na sala de aula, mas se atendo apenas a transmitir conteúdo e cumprindo currículos e programas específicos, contribui muitas vezes para a expansão da intolerância. Desta feita, como o preconceito se alimenta da desigualdade social, e a sala de aula no sistema capitalista repete essa divisão de classe, muitos atos de “rebeldia” dentro e fora da escola e da sala de aula, reforçam algo subjacente dentro do ser humano na sociedade contemporânea: o preconceito; Como afirma ITANI (1998, p. 119): *Pode-se mesmo afirmar que o preconceito se faz parte de nosso comportamento cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos, ou gestos, discursos e palavras. A sala de aula não escapa disso.*

Portanto, a educação que desejar dar asas a imaginação e a criatividade devem atentar para esse mundo de entrelaçamento na busca de formas de encontrar o respeito à diversidade, no caso estudado, o da variedade religiosa tão presente no conjunto da comunidade escolar.

Assim, longe de priorizar dogmas religiosos, e fechar os olhos, ou as grades dessas escolas engaioladas, devemos seguir o preceito que faz parte da base do Ensino Religioso: fornecer aos educandos um conhecimento de algumas religiões e os fenômenos ligados a estas e gerar e aprofundar nos educandos a atitude de tolerância enquanto membro de uma sociedade multirreligiosa e pluricultural, respeitando o pressuposto pedagógico do Ensino Religioso que é o estudo das religiões, e não da religião, já que se parte do pressuposto da existência da laicidade no Brasil.

Por fim, podemos sobretudo encorajar o voo (desenvolver o senso crítico nas atitudes relacionais) e abrir gaiolas para que os pássaros possam voar livremente, diminuindo sua aprendizagem da intolerância e agindo de forma mais ousada reconhecendo o outro, o diferente, como diz Rubem Alves referindo-se ao educador, não ensinar a voar, mais encorajar.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0512200109.htm>)

Destarte, se faz necessário dar ao educando uma autonomia capaz de criar uma liberdade para o livre pensar, sem que haja ingerência do Estado ou do educador capaz de incapacitar para o voo livre.

3.1 Caixa de ferramentas e Caixa de presentes, instrumentos do educador.

O educador do Ensino Religioso deve antes de tudo pensar sua prática em sala de aula, afinal o que fazer diante da intolerância religiosa?

Uma resposta poderia ser o uso de duas metáforas de aprendizagem, o ser humano (o educando) na sala de aula deve se deparar com duas caixas que formam a aula do Ensino Religioso.

A primeira caixa é a de ferramentas (Leis, Currículo, programas da disciplina), tudo que é pressuposto legal a serviço da educação do Estado e de suas exigências burocráticas, e com a quais o educador irá passar para as suas aulas. A caixa de ferramenta tem a utilidade de servir. Então, o Plano Anual com suas várias temáticas, as aulas registradas e avaliações que serão cumpridas, respeitando o modelo das Ciências da Religião, como afirmar PASSOS (2007, p.33): *Contudo, o modelo das Ciências da Religião toma como pressuposto do ER a educação do cidadão. O estudo da religião na mesma sequência e intensidade das demais disciplinas visa à educação dos sujeitos para viver responsavelmente em sociedade.*

A segunda caixa é a de brinquedos, pois brinquedo serve para levar o educando ao lúdico, aprender de forma prazerosa, onde o uso da imaginação e da criatividade na utilização dos brinquedos (conteúdos ministrados em sala de aula) mexe com seu corpo e a mente.

Trabalhos em grupo, Exercícios Reflexivos, Debates, Dinâmicas com uso de músicas cujos temas podem suscitar o debate dos conflitos existentes podem contribuir para a diminuição das distâncias entre os educandos, levando-os a se depararem com o outro.

Nesse sentido, a prática da tolerância é sobretudo um aprendizado que se realiza no cotidiano do processo educativo entre diferentes e entre iguais, em mesmo nível. É preciso admitir que o outro exista, enquanto tal, reconhecendo-o tal como é, e diferente de mim. A frase que sempre ouvimos de que “o direito de um termina onde começa o direito do outro” também tem o mesmo significado, do respeito a esse outro em sua diferença (ITANI (1998, p. 133).

Assim, na sala de aula onde podemos exercitar por intermédio do educador a partir das caixas de ferramentas e brinquedos tudo que existe no educando, e aqui evidenciamos dois princípios da educação ocidental baseada no pensamento grego: a *tecne* (relacionada ao trabalho) e a *teoria* (base que edifica o homem livre) que ajudam na relação interpessoais e afetivas como afirma BRANDÃO (1994, p. 38): *[...] a ideia de que todo saber que se transfere pela educação circula através de trocas interpessoais, de relações física e simbolicamente afetivas entre pessoas.*

É preciso compreender que o educador deve tanto usar uma caixa quanto a outra, há complemento entre estas, mas sem esquecer a qual escola pertence, se a que dá asas ou a que aprisiona, pois se negligenciar que a comunidade escolar também recebe a influência de suas ações educativas, este deve pauta-las em atos que possam construir a harmonia em sala de aula. Do contrário, se negar a aplicar práticas de ideias com ações que sucumbam as distâncias, e que no coletivo da sala de aula exista a diversidade como regra, sem esquecer as individualidades existentes, este poderá está reforçando a intolerância religiosa.

Longe de se ater apenas ao aprendizado burocrático e estatal, o educador do Ensino Religioso deve considerar a importância do fenômeno religioso que pertence à sociedade como um todo e que é algo coletivo e serve para a formação cidadã. *O estudo das religiões constitui, portanto, caminho de passagem para algo mais elevado que coincide com a própria vida dos sujeitos e grupos que compõem as nações e a sociedade planetária* (PASSOS, 2007, p.42).

Assim, para além do espaço escolar é importante compreender que as ações educativas do Ensino Religioso, podem transpor os muros da escola, já que o transcendente é uma experiência impar do ser humano, e o humano se encontra desde a sala de aula até a residência familiar da qual pertencem os que constituem a comunidade escolar.

Se quisermos que o ser humano siga além dos preestabelecido pela sociedade capitalista, de uma educação engaiolada por avaliações estatais, teremos que educar de forma a dar asas e não gaiolas, romper com os interditos de uma educação de estatísticas e programas governamentais apenas, que creem que o sujeito (educando) é apenas receptor dos conteúdos oficiais que determinam o que deva ser “uma educação de qualidade”, esquecendo que o educador e o educando juntos podem executar o sentido maior da educação que é a superação de dilemas, e entre estes está o da intolerância religiosa.

O que os burocratas pressupõe sem pensar é que os alunos ganham uma boa educação se aprendem os conteúdos dos programas oficiais. E, para testar a qualidade da educação, criam mecanismos, provas e avaliações, acrescidos dos novos exames elaborados pelo Ministério da Educação (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0512200109.htm>)

Se desejarmos que haja de fato uma aprendizagem cidadã, e que considere o transcendente como algo inerente a todo o ser humano, considerando que ao aprendermos que a educação é uma prática social realizada para o bem comum e não apenas como meio de acesso ao mercado capitalista. Ao compreendermos que a escola, e em especial a sala de aula não é somente lugar de acolhimento de informações, mas o espaço do diálogo entre mim e o outro, conjuntamente com outros. Que o comparativo aqui, não deva aguçar a intolerância por que cria o maior ou menor, contudo, deve prestar-se para entender os iguais e diferentes, e, por conseguinte, gerar uma educação que se preste a contribuir no aumento de tolerantes e não intolerantes. Sendo assim, e, aí, portanto, cabe a máxima de Rubem Alves que incomoda a alguns educadores: *Quem está aprendendo ferramentas e brinquedos está aprendendo liberdade, não fica violento. Fica alegre, vendo as asas crescer... Assim todo professor, ao ensinar, teria de se perguntar: "Isso que vou ensinar, é ferramenta? É brinquedo?"*²

Assim, o educador deve experimentar o melhor instrumento, ou seja, aquele capaz de dar a liberdade de expressão e construção do livre pensar.

3.2 O Eu e o Outro, despertos e opondo-se a intolerância religiosa.

Para entendermos o real significado de ensinar podemos comparar as mãos do oleiro, são elas que iram dar forma ao barro, mas antes devemos entender que houve uma preparação destas a partir da arte que lhe foi ensinada por outrem.

Ensinar exige do educador a aptidão de escolher os conteúdos, a forma como aplicar, certo tempo de preparação da aula e acima de tudo o estudo do material a ser utilizado, sem esquecer, é claro, que o educando assim como o barro se transforma também, a partir do que aprende no exercício diário de sala de aula, no convívio com outros, e socialmente fora da escola.

Ao me deparar com outro há uma experiência de transcendência, o educador por ter mais experiência, não indica o caminho, mas aponta os existentes, dar ao educando escolhas, e aí reside a transcendência educacional, e porque não dizer religiosa comum a todos (as),

² (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0512200109.htm>)

como afirma BOFF (2000, p.48): *A transcendência se dá no encontro com as pessoas [...] Não como o mestre, que diz “Vá por aí, mas despertando o mestre que existe em você e ajudando-o a definir um caminho de sentido*².

Assim, como ensinar e aprender são algo processual, não é mágico, aprender ser respeitoso com o outro, diminuir distância, tolerar, requer tempo e meios de sensibilizar o educando para a importância do conviver com a diversidade religiosa tão comum no Brasil. Nesse sentido o diálogo deve marcar o educador, pois é por meio do exercício da palavra e da ação é que sua autoridade se afirma, lembrando que isso se dá apenas na dimensão escolar; o educador deve ser autoridade e não autoritário. *A autoridade é uma relação ternária entre um portador P, um sujeito S e um âmbito A [...] Nenhum homem é uma autoridade para todos os outros em todos os âmbitos* (MACHADO, 2002, p.88-89).

A partir do seu conhecimento teórico o educador no conjunto de suas ações, pode afirmar o processo de superação de barreiras de conhecimento do outro, administrando a sala de aula com autonomia o educando, portanto, apontar a partir de seu exemplo e ensinamentos a possibilidade real de superação da intolerância religiosa. Vale ressaltar que o educador é o instrumento de ligação entre o educando, a escola e a família deste, sendo que a escola e o ambiente familiar formam o conjunto que agregam aspectos de valores importantes para o combate da intolerância religiosa e outras formas de preconceitos.

A escola, no entanto, segue sendo um espaço privilegiado, juntamente com o ambiente familiar, para o cultivo de um amplo espectro de valores, incluindo-se, aí aquele núcleo mínimo sem o qual não se poderia falar em vida e sentido humano (MACHADO, 2002, p.92).

Então, como interlocutor, o educador de Ensino Religioso pode demonstrar a partir de contatos com esses dois núcleos da sociedade (família e escola) a importância do respeito à diversidade religiosa. Desta feita, se pensarmos que a educação leva a mudança, e que a mesma não se restringe apenas ao ambiente escolar, pois o mundo das tecnologias se encontra em todos os lugares do mundo, cabe ao educador utilizar os instrumentos didáticos pedagógicos como meio de aproximação entre o eu e outro.

Pensar o Eu e o Outro, é verificar que trabalho escolar envolve pessoas, que através do contato social pode diminuir barreiras de separação. Nesse contexto, ressalto que desde a reunião de pais até um trabalho de dinâmica de grupo na sala de aula, estar a serviço da diminuição da intolerância religiosa.

Assim, ao praticar o respeito múltiplo que começa na sala de aula e que vai dialogar

com a família através da escola, a relação educador/ educando serve de caminho a ser seguido no despertar do Eu em relação ao outro, em outras palavras, vivemos nós a superação da intolerância religiosa tendo a escola como núcleo irradiador desse despertar, como afirma (MACHADO, 2002, p.93):

É ainda a escola um espaço apropriado para o exercício da autoridade sem a perda da ternura, para a vivência da fraternidade entre personalidades diversas, em interesses, em saberes, em poderes, como é o caso da relação sempre assimétrica, entre alunos e professores.

3.3 A educação despertadora de valores e dos direitos humanos.

Assumir a esperança na educação enquanto instrumento social de todos e não de alguns. Crer que a função do educador de Ensino Religioso pode de alguma forma suscitar o debate sobre os direitos humanos e aos valores como a tolerância religiosa, é de certa forma admitir que a educação seja necessária, sem a mesma nenhuma humanização é possível, e este é um dos desafios do Ensino Religioso.

Propiciar espaços e lugares para construção de relações alteritárias entre diferentes culturas, povos e religiões, possibilitando a cada sujeito/grupo a liberdade de se desenvolver sem sofrer preconceitos, silenciamentos e discriminações, se constitui em um dos grandes desafios da sociedade e educação brasileira (SILVEIRA et al, 2015, p.12)

Por ser uma invenção humana, a educação por sua vez não se extingue, e por ser o Homem, aquele que a inventa e reinventa a partir de paradigmas existenciais, procurando um arranjo existencial para sobreviver em meio a dificuldades da contemporaneidade. Reinventar a educação é de certo modo acreditar que não se extingue. *O mais importante nesta palavra “reinventar” é a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser; mais adiante refeita de outro, diferente do diverso, até oposto (BRANDÃO, 1994, p. 95)*

Assim, enquanto o Ensino Religioso se prestar a fazer a tomada de consciência que a tolerância religiosa é importante, e que o contrário representa a desagregação dos direitos humanos e de perda de valores, esta importante disciplina estará cumprindo o seu papel social de despertadora e de provedora da convivência entre o Eu e Outro com suas particularidades e diferenças, e promovendo o exercício de cidadania e direitos humanos, como afirma SILVEIRA et al (2015, p.13):

Busquem extirpar lógicas, epistemologias e valores, que legitimam processos de exclusões, desigualdades e genocídios, trazendo a nov(idade), que se (re)vela nas diversidades histórico-culturais, entre elas, as de caráter religioso, em permanentes exercícios de acolhida, tolerância e reverência na alteridade.

Todavia, é preciso acreditar que a liberdade de exercitar o Ensino Religioso na sala de aula, apontando sobre vários temas do cotidiano da comunidade escolar, libertando-se de certa forma das amarras de currículos e programas governamentais, apontando para o valor da vida em que não cabe a intolerância religiosa, aplicamos o exercício maior que é fazer a comunhão entre Ensino Religioso como expressão da própria educação que assim como a vida é maior que os aprisionamentos das grades curriculares. *Mas, assim como a vida é maior que a forma, a educação é maior que o controle formal sobre a educação* (BRANDÃO, 1994, p.103).

Sendo assim, propiciar pesquisas, diálogos que envolvam a comunidade escolar e para além da escola partindo do uso das novas tecnologias, a exemplo do blog. Identificar e procurar apontar meios de superação da intolerância religiosa, que muitas vezes surgem de guerras militares e ideológicas entre religiões, e claro, buscar a partir do trabalho conjunto com a comunidade escolar criar pontes capazes de passar por elas a fraternidade entre grupos distintos.

No entanto, é importante ressaltar que a educação não é exclusividade da escola, mas pode ser encontrada em qualquer âmbito, inclusive na escola que é um dos lugares possíveis. *Só o educador “deseducado” do saber que existe no homem e na vida poderia ver educação no ensino escolar, quando ela existe solta entre os homens e na vida* (BRANDÃO, 1994, p.105).

Por sua vez, o Ensino Religioso como parte desse processo educativo contribuiria apontando formas de superação da intolerância religiosa pelo exercício de promoção dos direitos humanos como diz SILVEIRA et al (2015, p.13):

Um dos meios reside na construção de formas de (com)vivência, que (re)conheçam as diferenças e assegurem o respeito à história, ao desenvolvimento, à identidade, à memória, à religiosidade e crença de cada pessoa, grupo social, povo, etnia e cultura por meio do diálogo, da troca de conhecimentos e da promoção dos direitos humanos.

Assim, a contribuição do Ensino Religioso estaria na promoção de uma reflexão capaz de revisar como determinados fundamentalismos religiosos e ideológicos se formaram ao longo da história e que ainda estão presentes, mesmo que de forma inconsciente impedindo o Eu e o Outro a chegarem a um entendimento comum sem tanta intolerância.

4. Escola no ritmo da vivência e dos registros tecnológicos

Ao abordar o tema *Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa para um convívio na comunidade escolar* é muito desafiador, pois toda ou qualquer ação humana no planeta e com todos (as) a sua volta pode e afeta a ambos. A história humana desde os seus primórdios vai demonstrar a relação do homem individualmente ou em coletividade sempre teve uma atitude transformadora no espaço social constituindo-se com ser histórico. O homem se levamos em consideração a teoria evolucionista é filho da “mãe Terra”, e assim, como na vida humana familiar, mãe e filho se completam.

Neste contexto de educação formal, dependente da ação de cada educador, é que se insere a aplicação destes princípios, ocupando um lugar de destaque e tornando elemento divulgador das problemáticas da intolerância religiosa e de uma nova dinâmica educacional. Esta busca em “reavivar” às aulas de Ensino Religioso por intermédio do tema leva a construção da memória a partir do conhecimento da realidade vivenciada a partir das atividades pedagógicas realizadas na comunidade escolar, no entorno da escola e tudo isso registradas por meio de vários instrumentos educacionais.

O blog, além de outras ferramentas de ensino-aprendizagem, faz parte do conjunto da comunidade escolar, e por serem bastante acessível a alguns, vem a ser desta forma, um instrumento educacional de amplitude significativo no meio popular. Assim, tanto o blog como outras fontes são um “retrato do meio de convívio dos educandos e de tantas outras pessoas que compõe o ambiente de ensino”. Nele contém as representações do cotidiano cuja dinamicidade aponta para uma transformação à medida que se executa as atividades do ano letivo, apresentando em textos e imagens o desenrolar temporal da comunidade escolar.

Esses dois elementos da educação e da sociedade – o blog e outras fontes são objetos alienantes³ e ao mesmo tempo educadores. Na sala de aula, onde se encontram vários representantes de diferentes denominações religiosas, ou onde se encontram seus cidadãos (os educandos) possuidores de uma história de vida e na instituição escolar, o blog quando bem aplicado pedagogicamente, age como uma extensão educativa que contribui para o conhecimento do mundo. Porém, é importante saber dos seus limites pedagógicos e ideológicos como elemento divulgador de uma educação, cabendo ao educador a seleção conteudista. No entanto, apesar de restrito é uma ferramenta tecnológica da atualidade que faz parte da vida das pessoas que estão inseridas no mundo das tecnologias, cujo espaço se

3 As notícias postadas no blog têm uma tendência ideológica seguida pelos seus produtores.

transforma a cada instante com a presença cada vez maior na ocupação de lugares e da vida humana. *A paisagem de nossa época está tão cheia de tecnologia que a sua onipresença parece ser um dado natural. Isso é mais espantoso se percebermos que toda essa transformação é muito recente e rápida. É difícil encontrar alguém que não tenha pelo menos ouvido falar em termos como e-mail, site, blog.* (FRANCO & FERREIRA, 2009, p.133).

O blog e outras fontes são uma forma de “leitura do mundo”, neles encontramos diversas categorias do convívio social. É este veículo da imprensa que ideias como espaço, tempo, linguagem, cultura, dentre outras, estão embutidas. Cabe ao educador utilizá-las de maneira criativa, suscitando a educação a partir de temas geradores.

O mundo do educando (cidadão) é composto por realidades diversas, cada uma com suas especificidades e função, sendo o blog e outras fontes reprodutores ativo delas. Nessa reprodução estão ocultas certas ideias e conceitos da vida e determinadas aparências ilusórias. Por trás de títulos, reportagens e notícias estão ocultas fantasias e realidades, que necessitam ser reelaboradas no imaginário desse leitor e do usuário, de um modo geral. Isto gera, por conseguinte, a educação de forma ampla, de grande utilidade porque abarca as várias realidades ali existentes e em profundo diálogo com o senso crítico constitutivo do ambiente escolar.

Nesse diálogo do presente com o passado e vice-versa, devem ser evitados os conceitos do senso comum, almejando assim colocar cada personagem no seu contexto histórico e no seu tempo, como NIDELCOFF (1987, p.73) afirma: [...] *Os personagens históricos, quando devem ser observados, sejam vistos imersos em seu tempo, o que ajuda enormemente compreender suas atitudes e não julgá-las de acordo como nossa mentalidade atual.*

Desta feita, o ato de educar utilizando parte da realidade do presente dos educandos, passa pelo convívio social, e se completa com o conteúdo histórico que está sendo trabalhado na sala de aula para depois serem postadas no blog, e também fixadas por intermédio das atividades na classe e extraclasse.

Nas formulações dos questionamentos, força-se aos educandos a pensar a atualidade e compará-la com passado, fazendo-os compreender que os fatos evoluem no tempo e os seres humanos também, como descreve NIDELCOFF (1987, p.73) referindo-se à compreensão da realidade atual: *Para compreender a realidade atual, é preciso que as crianças adquiram a capacidade de ver os fatos em evolução, de ver o presente como resultado de uma longa marcha e em marcha por sua vez, para o futuro [...].*

No caminhar diário, observamos às várias mudanças no habitat e na população que o compõe. Todavia, esse registro do viver o cotidiano fica “impresso” numa notícia, imagem, reportagem, poesia ou artigo, podendo ser trazidos para a sala de aula. Trazer esse conteúdo do blog e de outras fontes, nos quais está contida a vida da população em contato mútuo, produz uma educação mais próxima da realidade do viver diário do educando. Nesta forma de educar de maneira próxima e ampla, e seguindo critérios metodológicos adequados, gera uma mudança de atitude mental e social desse “novo” participante, já que a realidade abordada é muito próxima a este.

Neste processo não se lê apenas um artigo ou uma reportagem da vida, lê-se a própria vida do educando. Não apenas como um simples agente do conteúdo, mas de um ser importante no contexto do convívio com os demais seja na sala de aula ou em outros espaços da escola.

4.1 Salas de aula espaço de convívio e de intervenção do Estado

A sala de aula é o lugar de construção do saber, ou melhor, é o lugar onde o educador e o educando desenvolvem seu lado humano (dialogam). É neste espaço escolar que os conteúdos didáticos se confrontam com a realidade de vida desses atores (educador/educando). Aqui as contradições de classes se fazem presente, pois nem todos (as) são iguais socialmente.

Assim, quando aplicamos o conteúdo de Ensino Religioso, abrimos espaços dentro dos vários temas para dialogar com os educandos, como afirma NIDELCOFF (1987, p.74) ao abordar os fatos em evolução, tão comuns também nos jornais impressos e outras fontes; *Tudo isto significa que os dados históricos com que se deve lidar servem apenas de oportunidades para discutir e dialogar, para comparar, refletir e imaginar.*

A sala de aula, por sua vez, é o espaço de ouvir o educando, e de expressão das suas histórias acerca do conviver com o outro em sociedade, é aí muitas vezes aparecem histórias de desrespeitos de ideias, atos e do exercício da religiosidade, haja vista que há uma diversidade social, econômica e de denominações religiosas, que muitas vezes por conta da posição social e do espaço que ocupa carregam ideias de exclusão que muitas vezes passa despercebida e se exterioriza em violência verbal e física com o outro que se torna “o diferente” que não é respeitado. Assim, se faz necessário sob a direção do educador suscitar temas a fim de fazer compreender o outro não tão diferente assim, mas, deve, portanto, desenvolver no educando a criticidade de suas atitudes humanas como especifica ARAÚJO

(1988, p. 45):

Por tudo isso, a via que está aberta é a da sala de aula como vinculação de um discurso que faça florescer a consciência crítica, não a idealista, mas a resultante das injunções histórico-sociais, aquela fundada nas relações concretas. É por isso que estamos denominando a sala de aula como um dos lugares de vinculação do discurso dos oprimidos.

No entanto, é importante salientar que, o esforço de ministrar a aula e de aplicar exercícios, a exemplo do mural, “forçando” o educando a participação, não significa uma transformação libertadora, que faz acabar com um processo alienante de muito tempo implantado na sociedade brasileira, haja vista que existe um fator maior que é a escola e seu planejamento educacional, que de certa forma reflete a tendência do Estado, como reafirma ARAÚJO (1988, p.50): *Não se pode, porém sobrestimar a sala de aula, porque ela é apenas parte do fenômeno educativo, e a escola é apenas uma parcela do fenômeno educativo que se desenvolve pelo processo de nossa existência.*

A partir da construção do mural com informações advindas do blog, que, por conseguinte aborda os aspectos dos direitos humanos (tema central das ações pedagógicas na E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel no ano letivo de 2017), pode-se então prosseguir para o segundo momento que é transportar esta experiência, a exemplo da Gincana Direitos Humanos para um contexto global, postar toda a experiência e vivência educacional em um ambiente para acesso de muitas pessoas como ocorre quando se usa a ferramenta tecnológica como o blog.

Com as imagens, artigos, charges e reportagem que remontam uma realidade mais próxima do educando, há certa aproximação advinda dos fatos apresentados, que de certa forma diz um pouco deles também. Por isso quando se aborda os direitos humanos e a comunidade escolar de certa forma se envolve, pois a família se faz presente em conjunto com os educandos, existe uma maior correspondência entre espectador e construtor dessa história contada no “mural virtual” em formato de revista eletrônica.

Portanto, o blog, ou qualquer outra ferramenta, a exemplo de fotografias, filmagens, desenhos, entrevistas, poemas que abordem o cotidiano da tolerância religiosa ou outro tema ligado aos Direitos Humanos, levam a inserção do educando (cidadão) a perceber-se sujeito na construção da História, sem, é claro, negar a sua, pois o contexto abordado, e a produção do trabalho têm a sua participação direta. As atividades postadas no blog visualizar as autorias dos educandos, que podem desenhar produzir textos, fotografar sem fugir a temática central.

Desta feita, recortando parte da história através do blog ou de outras ferramentas que abordem a tolerância; ou ainda utilizando de recursos pessoais pela produção de imagens

(fotografia), textos, desenhos e entrevista realizada pelos educandos, há uma superação de certos mitos por meio da comparação de imagens ou discursos diferentes dos fatos que estão a sua volta. Então, a partir das contradições que vão surgir entre o discurso e a prática, entre a realidade que vejo no cotidiano, meu lugar na vida escolar e no trabalho em equipe, é que distâncias diminuem na busca do êxito coletivo.

Assim a História vai tomar o lugar de guia na desconstrução de mitos, e contribuir para a superação da alienação de classe, como afirma NIDELCOFF no tocante às condições de análise do passado e presente histórico:

- a) Silenciar para não dividir ou não “dividir” sobre certos mitos não é educativo, como, jamais o é a mentira: é educativo saber enfrentar os fatos e compreender essa causa [...]
- b) As crianças devem saber distinguir, ao analisar uma determinada política, entre “o povo” e o “governo” desse povo” (1987, p.76).

Portanto, a construção dos murais abarca múltiplas realidades, do ambiente a sua volta, aos quais os educandos observam e estão inseridos. Desta feita, estimulando-os a falar, descrever e registrar as fontes as quais tiveram acesso é colocá-los no contexto histórico de certa forma como co-participantes, tornando assim às aulas próximas da realidade, como se refere NIDELCOFF (1987,p.97):

- O exercício de vincular com o presente deve ser permanente e pode ser feito de diferentes maneiras:
- a) Comparando; procurando semelhança ou contrastes.
 - b) Procurando no presente as consequências do passado.
 - c) Procurando no passado a explicação de uma característica do presente.

O blog na sala de aula pode ser usado como um “retrato do cotidiano” do educando e da vivência da tolerância religiosa. Quando se procura somar esforços para melhorar o ensino, o blog apresenta-se como expressão da vivência do mundo.

O Ensino Religioso, assim como outras disciplinas utilizam a linguagem e a escrita, tomando a realidade em volta como princípio de conhecimento humano. Esse contato com as fontes, e a elaboração de textos, leva os educandos a melhorar à linguagem, já que o contato com diversas palavras e textos do seu cotidiano permite somar vida e educação na melhoria da linguagem. Ler e reler a história do seu cotidiano obriga-o também a escrevê-la, quer seja com uma caneta, quer seja expressando-se no blog; ou com a sua participação nas atividades culturais e políticas como membro da sociedade e da comunidade escolar.

Aquele que lê e escreve pode intervir na realidade existente, mas o importante é compreender que essa tomada de decisão é permeada por um processo histórico, do qual foi o

sujeito e condutor, tendo como componentes a sua vida e a escola que se encontra nesta. Desta forma, deve-se procurar unir Direitos Humanos (tema: tolerância religiosa) enquanto objeto analítico e instrumento didático-pedagógico existentes, juntamente ao material humano e tecnológico na construção de novos saberes na sala de aula.

Neste contexto de novas mídias ao alcance dos educadores, como afirma PEREIRA (2011, p.1): *Faz-se, portanto, necessário, refletir sobre a presença dos meios de comunicação em nossas vidas, para que deles possamos nos apropriar de forma crítica e criativa.* Assim, a construção do blog como extensão do trabalho desenvolvido nas atividades escolares, permite uma maior aquisição do conteúdo, e claro, de visitação a estes, já que as escolas têm seus horários de funcionamento que respeitam feriados e alguns sábados e domingos durante o ano letivo, ou na conformidade do Calendário Escolar emitido pela Secretaria de Educação do Estado. Esta liberdade para visitação dos conteúdos ministrados na sala de aula expostos no blog, permite uma maior socialização dos trabalhos escolares, permitindo uma maior interação escola-comunidade.

Atualmente não é mais possível negar a existência e o uso de mídias pela população. Com isto, desde que bem utilizada na educação, o alcance do ato de educar vai além-muros da escola, possibilitando que educandos formais (os matriculados na escola) ou informais (não matriculados), possam dialogar, a exemplo dos familiares destes. O acesso ao blog poderá desenvolver outra visão colocada pelo educador que desperte no receptor da informação “lentes de correção da realidade”, permitindo uma leitura de textos e imagens, como também a possibilidade de reescrever estes fatos postados no blog, como afirmar PEREIRA (2011, p.3) referindo-se a linguagem audiovisual:

Por isso tanto a alfabetização quanto o letramento midiáticos precisam ser promovidos junto a jovens e adultos, para auxiliá-los a ler e escrever, de forma autônoma, crítica e criativa, através das diversas possibilidades comunicativas existentes.

E completa advertindo para o uso inevitável das mídias na educação atual:

A vida cotidiana está hoje mergulhada nas modernas tecnologias, e isso traz grandes desafios para o campo da Educação, tanto em termos de intervenção quanto reflexão.

Portanto, quando o educando e aquele (a)s ao seu entorno, têm acesso aos trabalhos desenvolvidos no meio escolar que “reflete” o seu viver cotidiano, constrói-se uma cidadania mínima, como afirma PEREIRA (2011, p.4): *Essa é uma perspectiva de formação para a cidadania do século 21, porque os jovens precisam não só aprender a ler, mas também a 'escrever' através dos meios de comunicação de seu tempo.*

Desta feita, desde o momento da construção do mural, que vai exigir uma primeira

leitura quer seja de textos, quer seja de imagens; até a sua postagem no blog (que irá exigir uma segunda leitura oral e visual) acarretará em discussões em sala de aula e extra-sala de aula, capazes (se mediada pelo educador) de superar paradigmas, permitindo uma educação sem horário para acabar, já que o blog permite acesso além das aulas do cotidiano.

A construção do trabalho de forma coletiva (o mural deve ser feito em grupo), e depois visitado (quando afixado na parede da escola), para mais tarde receber uma nova postagem na mídia (no blog), e ser mais uma vez revisitado; todo esse processo de construção atende alguns aspectos didáticos, que começa pela elaboração da temática central e os seus temas geradores, como também o tempo disponível para a produção do mural pelos educandos.

A temática central do mural deve conter abordagens transversais, seguindo as normas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e neste caso específico, a abordagem é Multiculturalidade e seus desdobramentos no que tange a humanidade. Educador e educando passam a fazer parte da história como sujeitos próximos da realidade, cujo conteúdo aponta nessa direção quando se refere a fatos do seu cotidiano, obrigando-os assim, a entender que papel social estes desempenha na vida social; como cidadãos elaborando uma melhor cidadania. Assim, ao tratar em História da organização do Estado, por exemplo, esse conteúdo poderá ser estudado, mostrando como há instituições sociopolíticas constituídas por representantes de diferentes grupos e comunidades, tendo em comum a prática democrática voltada aos Direitos Humanos, em especial, no Ensino Religioso: a tolerância religiosa.

A pesquisa do educando nas diversas fontes, a postagem das mesmas através do blog, e a circulação dessas informações adquiridas em seu meio social, levam-no a compreender o seu lugar social e os direitos humanos que possuem, e torna-o por vezes participativo das decisões políticas municipais, estaduais e federais.

Os Direitos Humanos Universais apresentam-se como uma necessidade assumida pela humanidade, após muitos dramas e tragédias, que ceifaram as vidas de muitos, de maneira brutal. É tarefa de todos zelar pelo respeito aos Direitos Humanos e exigir seu cumprimento, cooperando para isso no cotidiano, de todas as formas possíveis. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.163).

Portanto, ao inserir-se no contexto histórico por meio do blog com suas postagens diversas, e ao visualizar a produção do mural na parede da escola, partindo de uma temática que esteja em comum acordo com o tema tolerância religiosa, educador e educando, como também a comunidade escolar e extraescolar, percebe-se que há diversos instrumentos políticos e sociais que permitem uma melhor condição humana na sociedade. *É importante*

também, entrelaçando com o tratamento dado à importância da imprensa, identificar situações na vida da comunidade, localidade, estado, país, que exigem ação reivindicatória, assim como ação de cooperação, entendendo a dinâmica de direitos e deveres (Idem, 1998, p.164).

Na contemporaneidade, observa-se o espaço ocupado pelas mídias na formação de identidades e na construção da memória deste. Atualmente, pode-se, mesmo à distância acessar diversos conteúdos histórico-sociais, sem é claro se fazer presente nos lugares onde estão guardados. Por meio de links, a pesquisa torna-se viável e sem tanto custo, e dessa forma o educando quando direcionado a uma procura sistematizada anteriormente pelo educador, reaviva a memória, e junto com esta recria sua identidade.

Por intermédio das “navegações na Internet” a partir do blog com seus diversos links, o educando rompe fronteiras na aquisição do conhecimento, e de certa forma se reagrupam, a exemplo das diversidades culturais e de identidades que há nos membros de um blog; fazendo parte de um grupo que tem o conhecimento da História como meta, e participando ativamente na construção de sua História o educando e os demais participantes criam uma identidade a partir do exercício da memória histórica sobre a sua História Local, Nacional e Geral.

É possível definir identidade como o processo pelo qual uma pessoa se reconhece e constrói laços de afinidade, tendo por base um atributo ou conjunto de atributos que o distingue dos outros [...] Assim, a noção de identidade pode referir-se às formas como os indivíduos ou grupos/ coletividades se reconhecem ou se assemelham por meio de um traço característico ou de uma diferença comum, constituindo, ao mesmo tempo, um elemento distintivo e unificador. (FERREIRA;FRANCO, 2009, p.86).

No entanto, a aquisição de informação das mídias eletrônicas ou de fontes histórico-sociais, não pode ser apenas utilizada para preencher a memória, sem, no entanto permitir uma reflexão do educando sobre o seu espaço social e de formação da sua identidade em filiação com seus pares de grupo.

É necessário que ao construir o mural, as informações colhidas de certa forma despertem sua identidade, e quando a cidade traz fatos do cotidiano ao seu redor, facilitará esse exercício da memória e identidade, levando-o a descobrirem qual seu lugar social e seus direitos de cidadão. *A memória não é neutra e é recuperada sempre em função das demandas do presente. Assim, falar de memória significa ter em mente uma relação que envolve passado, presente e o futuro* (FERREIRA; FRANCO, 2009, p.87).

Destarte, quando o educando constrói o mural, e passa dos muros da escola indo desembarcar na mídia (blog), suas ações coletivas e individuais positivas, pois trata-se de reavivar por meio do trabalhos educativos a tolerância religiosa, chegam a outros

espectadores, como afirma PEREIRA (2011, p.5), ao descrever a importância das Audiências: *Tanto a análise quanto a produção irão auxiliar na compreensão de como os textos midiáticos podem ser construídos de forma a responderem as expectativas de um determinado grupo.*

Assim, no momento em que o educando é fotografado ou fotografa algo de sua construção histórica, faz o mural contanto a sua própria História que vai está na mídia (blog), que conjuntamente com outras visões históricas, estão recriando novos olhares sobre a cidade a qual pertencem, e a relação desta com o mundo a sua volta, permitindo a este um exercício mínimo de sua cidadania.

Como educando, e na sua vida social (cidadão), há um despertar, pois ao exercitar no cotidiano escolar (lembrando que a Escola ocupa um lugar na cidade e na vida do cidadão) o estudo crítico dos temas da disciplina Ensino Religioso, haja vista que na transcrição das notícias, na escolha das imagens, em sua própria produção textual ou de imagem (fotografada ou desenhada), deve constar uma descrição do material utilizado (da fonte; autor (es); local; data e página(s)). Este exercício propicia ao educando um exercício de aprendizagem e de uso das fontes que o aproxima da tolerância. Cada grupo de educando, anteriormente escolheu um subtema a partir do tema central ou gerador (Direitos Humanos).

Desta feita, com o exercício da construção de mural, cumpre-se uma etapa pedagógica de percepção da sua cidadania, e com a transposição para o blog pode-se ter uma amplitude do tema e do sentido de cidadania. Nesse exercício histórico da construção de mural alguns aspectos da tolerância religiosa são contemplados, a saber:

- Perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural;
 - Adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis;
 - Compreender a necessidade e dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem , aplicando-os no dia-a-dia.
- (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.197).

Na educação, a utilização do blog, também permite inovar e acrescentar ao ato de ensinar. Com as publicações efetivadas no blog que permitem expressões de pensamento, imagem, texto sem esquecer, é claro, das opiniões nele descritas que contribuem no acréscimo de situações de conhecimento, permitindo uma diversidade de ideias e de participantes colaborando, como afirma SEABRA (2010, p.14) *Os blogs são uma excelente forma de comunicação, permitindo que seus autores se expressem de com suas convicções e visões de*

mundo e que outras pessoas possam ler e registrar comentários sobre a produção textual apresentada.

Na sala de aula, o blog passou a ser uma extensão do mural produzido pelos educandos. Neste está contemplado a música (através do vídeo), textos (a letra da música) e imagens (fotos dos educandos com seus murais e da exposição na parede da escola). Assim, o mural que antes se restringia apenas a escola passa a ser universal, contribuindo dessa forma para a expansão do conhecimento antes restrito a sala de aula. Esse trabalho escolar traz alguns resultados importantes, a saber:

[...] Discutir as atividades passadas em sala de aula, complementando e interagindo com os outros, inclusive como forma de “lição de casa” [...].

➤ Disponibilizar textos e outros materiais de apoio (apresentação de Slides, mapas e outras imagens, links na web) para sua disciplina ou para projetos específicos.

➤ Divulgar os trabalhos e projetos dos alunos, tanto para outros professores quanto para pais e mães [...]

➤ Informar as pessoas sobre ações que poderiam melhorar sua comunidade ou outras formas de ativismo e militância política, social ou cultural [...]. (SEABRA, 2010, p.15)

Destarte, o projeto, *Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa para um convívio harmonioso da comunidade escolar*, procura atender o ensino de Ensino Religioso com inovações tecnológicas sem esquecer o uso de fontes primárias na construção do saber do educando.

5. Teatro, a superação da intolerância pelo encontro.

O teatro é, antes de qualquer coisa, uma arte. Mas é uma arte que se associa à história do homem e à própria história da comunicação humana, e que se configura uma arte híbrida, envolvendo literatura e encenação. Como se pode perceber, mesmo com o advento da tecnologia, o teatro continua causando encantamento e, por isso, concretizando de maneira única o aprendizado, seja de ordem informativa ou cultural.

Dentro da proposta de superação da intolerância religiosa, o teatro proporcionou o encontro, mesmo que os educandos professassem religiões diferentes. Foi o momento de pesarmos de maneira comum a superação das diferenças sociais e de crenças. A arte seria a forma do encontro ou como afirma NIETZSCHE: *A arte deve antes de tudo e em primeiro lugar embelezar a vida, portanto fazer com que nós próprios nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros.*

Assim, o Fórum de Conhecimento Direitos Humanos, que no intuito de apresentar algumas violações e intolerâncias aos direitos dos cidadãos na sociedade brasileira, apresentado pelas turmas do 8º ano A e B da E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel, desenvolveu por meio de murais, maquetes, poemas, jogos e peças teatrais diversos trabalhos para à conscientização sobre: "à violência, o trabalho infantil, a corrupção, a degradação do meio ambiente, a dengues e diversos tipos de intolerâncias existentes", que implicam na desagregação familiar, e consequentemente da sociedade, refletindo diretamente na comunidade escolar. As peças apresentadas tinham como temas: A exploração infantil e a violência cotidiana.

Nesse sentido, o teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola (MIRANDA et al, 2009, p.5).

Destarte, aos abordarmos outras formas de ensino fugindo de um sistema estatal que privilegiam dados e número que se reflete em notas, conteúdos resultantes das aulas expositivas no quadro, de números de faltosos e todo tipo de dados que propiciam a uma elevação midiática do Estado que se diz modernizar por meio do aparato tecnológico apenas, esquecendo que o humano antecede a tudo isso (no caso aqui estudado o educador e o educando), temos uma “inovação”, onde os protagonistas são os educandos, já que as peças

foram ideias e escritos produzidos pelos mesmos, apenas orientados pelos educadores.

Se refletirmos sobre o Estado Moderno e suas “fábricas de instruções” (a escola), porque no modelo atual ensino-aprendizagem, apenas há uma preparação para o mercado e acesso as universidades, e não para o livre pensar e de superação de divergências de convívio social (a intolerância, inclusive a religiosa), o fazer teatro sem que o mesmo esteja apenas voltado para o espetáculo, é um exercício de liberdade, criatividade e acima de tudo, de aproximação de “opostos” na sala de aula.

O teatro na escola é acima de tudo um instrumento de aprendizagem. Como se pode perceber dentro deste estudo, esse tipo de técnica difere do teatro visto em outros espaços, pois não tem, obrigatoriamente, objetivo de promover espetáculo, nem tão pouco formar artistas. O trabalho cênico deve consistir em fazer com que o aluno saiba resolver conflitos relacionados ao ambiente escolar e, por consequência, ao social (MIRANDA et al, 2009, p.8).

Além disso, o teatro na sala de aula proporciona uma superação da instrução, modelo que o Estado cria tornando a escola uma “fábrica”, não de sonhos e tolerância, mas como afirma SEVERINO (2007, p.127): *O sistema escolar vigente construiu escolas “segundo o modelos das linhas de montagem. Escolas são fábricas organizadas para a produção de unidades biopsicológicas móveis, portadoras de conhecimentos e habilidades.*

Nesse contexto, também apontamos a dificuldade do tempo para promover uma aprendizagem e do material necessário para construção de trabalhos relevantes, muitas vezes fatores de desmotivação para fazer uma educação sem tantos conflitos. Neste sentido, longe de promover uma educação do saber e do sabor, expressões de Rubens Alves, termos uma burocracia exigindo metas e números para enfeitar o discurso político estatal.

Portanto, lutando contra o tempo e a burocracia, apesar de terem sido peças curtas as que foram produzidas (Fórum de Conhecimento Direitos Humanos pelas turmas do 8º ano A e B da E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel), os murais, maquetes, varal poético, jogos, e em especial, a teatralização de problemas sociais, houve um aprendizado em comunidade dentro da sala de aulas e da comunidade escolar do belo e da criação livre de ditames, mas como parte de uma construção coletiva. Aprendizagem criativa é a possibilidade de respirarmos o conhecimento através do belo. *E o belo está no singular e no plural, no interno e no externo, no pensamento e na emoção... no ser e no mundo*⁴

E por fim, podemos constatar que dentro da proposta de superação da intolerância religiosa e da busca pelo convívio harmonioso da comunidade escola, o teatro assim como o

⁴ Teatro em sala de aula: Um novo olhar que toca e transforma - UFRN/arquivos. info.ufrn.br/arquivos/ .../ Teatro_em_sala_de_aula.pdf, p.2)

blog, foram ferramentas que propuseram a amenizar o distanciamento. E o teatro foi capaz de certa maneira de encontro do Eu com Outro, pois permitiu os seguintes exercícios: o vínculo com o outro, à integração, à improvisação e prontidão, a imaginação e criatividade e a reflexão coletiva, tudo isso fixado no mural virtual (blog) que de certa maneira faz um passeio pela memória quando visitado e mostra através de imagens que o respeito e a tolerância são importantes para a construção da unidade na comunidade escolar, e que longe de espaços religiosos que muitas vezes não permitem uma comunicação entre seus frequentadores, na sala de aula, diversos seguidores de religiões distintas puderam irmanasse no objetivo de uma construção para o bem comum de todo: “aprender com o outro”.

5.1 Ser livre para pensar para além das formas estatais

Acreditamos que no caminhar da superação da intolerância religiosa ou de qualquer outro tipo de desrespeito à pessoa humana, a escola, como instituição de referência na educação e central na formação dos indivíduos, não pode abrir mão do debate, prática, promoção e garantia dos direitos humanos.

Além de trazer o tema para a sala de aula, a escola também pode promover os direitos humanos em suas práticas e vivência cotidianas. Para isto, a instituição deve repensar seus posicionamentos e modos de atuação.

No entanto, é importante salientar a importância do educador, e de certa maneira do lugar onde atua especificamente, a sala de aula. Não queremos dizer com isso, que os demais componentes da comunidade escolar estejam isenta de sua influência e vice e versa. Deve existir um diálogo capaz de ao invés de promover amarras, permitir uma continuidade da liberdade e exercícios dos direitos humanos, que claro, exigem “deveres humanos”.

Neste contexto, podemos perceber que para toda uma construção dos trabalhos desenvolvidos na escola, sob a temática: *Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa para um convívio na comunidade escolar*, se fez necessário o diálogo e a cooperação de diversos agentes, tudo isso, frente às dificuldades materiais e pessoais muitas vezes refletidas na indisposição de cooperação e de poucos recursos materiais disponíveis para elaboração dos trabalhos.

Afinal, como superar tantas barreiras que o Estado impõe ao livre pensar dos educadores e educandos, se o pensamento estatal é puramente econômico. Mais uma vez

parece que o dilema da educação ressoa sobre a comunidade escolar, e troca o econômico e o político pelo livre pensar e a esperança de construir no agora uma nova forma de educação, e no caso do Ensino Religioso, a esperança de apontar caminhos para uma humanidade menos intolerante frente à diversidade de pensamentos religiosos.

Nesse momento, é preciso uma tomada de decisão e o educador deve escolher qual caminho seguir, o econômico apenas ou da esperança no fazer cotidiano e cheio de obstáculo, como afirma MÜLLER (2002, p.276):

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo.

Sem ênfase no conteúdo crítico capaz de rever em atos, palavras e trabalhos pedagógicos que ponham em ênfase as discursões acerca da intolerância religiosa que muitas vezes refletem no desrespeito ao outro em sala de aula, e principalmente, do direito que o outro tem de pensar e ser na sociedade, torna-se difícil uma superação e a criação de ferramentas capazes de ir além do conteúdo teórico. Assim, o educador procura abrandar os conflitos de relacionamento emocional e afetivo, e como bem sabemos, o Ensino Religioso proporciona uma diversidade de conteúdos capazes de fazer o entendimento acerca da tolerância ao outro, individualmente ou em grupo.

O professor deve facilitar ao aluno o entendimento do que é fazer parte de um grupo ou de uma comunidade, ajudando-o a conhecer as normas que regem a conduta aceita nos mais variados âmbitos, como o social, o cultural e o político. O respeito mútuo é a valorização de cada pessoa, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, é poder revelar seus conhecimentos, expressar sentimentos e emoções, admitir dúvidas sem ter medo de ser ridicularizado, exigir seus direitos (MÜLLER, 2002, p. 278).

É preciso entender que o ser humano também tem uma dimensão corporal, não somos apenas mentes pensantes, o corpo como no teatro e demais vivências humanas também tem sua importância. O educando também tem uma dimensão corporal que como falamos acima no uso do teatro em sala de aula na escola apontou algumas das benesses de seu uso.

No entanto, queremos chamar a atenção não apenas para o corpo na arte ou nos exercícios físicos, mas no prazer diário, que vai desde a alimentação até o abraço fraternal, o toque e tudo que envolve o despertar dos sentidos.

Uma sala de aula, uma escola alegre onde a tolerância predomina, traz prazer do aconchego. O Eu, apesar das diferenças que carrega religiosa ou não, sou bem recebido acolhido, desperto uma liberdade de expressão verbal e de criatividade, cria para além do

saber (intelectual), o sabor (corporal) pelo aprendizado, e aí se dar um rompimento do dicotômico na educação ocidental entre corpo e mente para a unidade (corpo-mente). Assim, os instrumentos didático-pedagógicos serviram para auxiliar nesse desenvolvimento, para expandir a curiosidade, o pensar, e não apenas instrumentalizar um educando que perdeu o prazer pela educação e convívio entre os pares.

Por isso, costumo afirmar que o sabor, presente na vivência afetiva emocional e na experiência estética, só se vivencia como sabor na exata medida em que é atravessado pela vivência do saber ou, dito de outra, forma, *o desejo só se sabe (saboreia) sabor; na medida em que se sabe (vivencia) como saber* (SEVERINO, 2007, p.133).

Portanto, ao criar diversas atividades didático-pedagógicas em grupos ou individualmente em sala de aula, como também que envolva outros agentes da escola, o educador dever atentar para a disciplina e o equilíbrio entre os agentes envolvidos para as situações não fujam do controle, mas que ao final, mesmo que de maneira ínfima produza uma releitura sobre a tolerância do educando com seus limites e o do outro.

A disciplina e o equilíbrio devem ser mantidos em classe, para que o aprendizado não seja prejudicado, e para que se desenvolva, no aluno, o auto-respeito, o autocontrole e o respeito, ficando o professor atento para que certas situações não fujam do limite (MÜLLER, 2002, p. 279).

Destarte, aplicamos durante três bimestres na escola de forma programática trabalhos direcionados aos Direitos Humanos, cujas disciplinas envolvidas de certa forma construíram e participaram de maneira efetiva com seus subtemas, a exemplo do desenvolvido na disciplina de Ensino Religioso: *Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa para um convívio na comunidade escolar*, que a partir das atividades na sala de aula, extraclasse e da participação efetiva nos projetos desenvolvidos na E.E.F.M. Daura Santiago Rangel, procuramos dentro das limitações existente cumprir em parte o que versa o artigo – 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que afirma no item 2 acerca da educação que, “A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos o estudo *Exercitando à tolerância como ferramenta de respeito à diversidade religiosa para um convívio na comunidade escolar*, tendo sido aplicadas algumas práticas didático-pedagógicas conforme Cronograma da E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel executado pela Disciplina de Ensino Religioso até o final do terceiro bimestre. E aplicando na sala de aula algumas intervenções pedagógicas tais como:

- Conhecer a história da origem e formação dos textos sagrados, relacionando-os com as práticas religiosas significantes nos diferentes grupos.
- Desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles/as que sofrem discriminação;
- Valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultura;
- Exercitar a escrita por meio de produção textual;
- Observar, ler e descrever as fontes históricas relacionadas ao Ensino Religioso;
- Interpretar os acontecimentos históricos da formação de algumas religiões a partir da linha do tempo;
- Associar texto com imagem

Verificamos uma significativa mudança na forma de pensar acerca da diversidade religiosa existente no Brasil. E através dos exercícios em sala de aula que os educando tiveram a oportunidade de construir de forma individual e em grupo que significativamente houve uma aproximação daqueles (as) de segmento distinto, não que isso signifique uma mudança capaz de transformar a sociedade, mas a forma de enxergar o outro na comunidade escolar e da necessidade de partilhar afeto quanto da construção dos murais, maquetes e peça de teatro, que de certa forma encaminhou-os a “unirem-se” em torno de um propósito.

Todas estas ferramentas educacionais foram de grande valia para a construção da memória e da identidade dos envolvidos diretamente nos trabalhos executados na comunidade escolar. Todavia, dentre estas, o uso do blog com a finalidade de expandir para além dos muros da escola a dinâmica do fazer pedagógico da Disciplina de Ensino Religioso, além de

contribuir para o reavivamento do que foi ensinado para todos (as), inclusive a família dos educandos e outros que participaram das atividades como convidados e que acessaram o blog (Templo de Clio (História)educfreirehistoria.blogspot.com/), que assim se envolvem no ato de educar que tem um alcance maior de publicidade e acesso.

Enfatizamos ainda que, nossos registros de aulas com as atividades desenvolvidas foram registrados na Plataforma Saber da Secretaria de Estado e da Educação (SEE-PB) – (<http://saber.pb.gov.br>), que é um “diário on line” para a melhoria da educação na Paraíba.

Por fim, acreditamos que o trabalho desenvolvido foi relevante no que tange a pensar uma escola democrática, a entender alguns Direitos Humanos, e o objetivo maior que foi entender a necessidade de tolerar o diferente nas suas escolhas, no caso estudado, da religião que professa, vendo-o com suas diferenças, mas sem que fosse preciso apartar-se ou perseguir por sua visão religiosa diferente.

ANEXOS

Templo de Clio (História)

<http://educfreirehistoria.blogspot.com.br/>

IV Gincana Cultural - Que País é Esse? – E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel

The screenshot shows a web browser window displaying a blog post. The browser's address bar shows the URL: educfreirehistoria.blogspot.com.br/2017/06/iv-gincana-cultural-que-pais-e-esse.html. The blog post features a word cloud with the central theme "QUE PAÍS É ESSE?". Other words visible in the cloud include "BRASIL", "PAÍS", "ESSE", "NÃO", "FUTURO", "NACIONAL", "AMAZONAS", "ARAGUAIA", "BAIXADA FLUMINENSE", "MATO GROSSO", "MINAS GERAIS", "NORDESTE", "MORTE", "DESCANSO", "SANGUE", "ANDARILHO", "PAPÉIS", "DOCUMENTOS", "FÉIS", "DESCANSO", "DO PATRÃO", "TERCEIRO", "MUNICÍPIO", "FORA", "PIADA", "NO EXTERIOR", "VAMOS", "FAZER", "UM MILHÃO", "QUANDO", "VENDEREMOS", "TODAS AS ALMAS", "DOS NOSSOS", "INDÍOS", "NUM LELÃO", "QUE PAÍS É ESSE?", "QUE PAÍS É ESSE?", "QUE PAÍS É ESSE?". Below the word cloud, there is a quote in Portuguese: "Aqui no Brasil, nós somos alegres mas nós não somos felizes. Existe toda uma melancolia e uma saudade que a gente herdou dos portugueses e que a gente ainda nem começou a resolver. A gente não sabe o que é esse nosso país."

Desfile Cívico da E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel

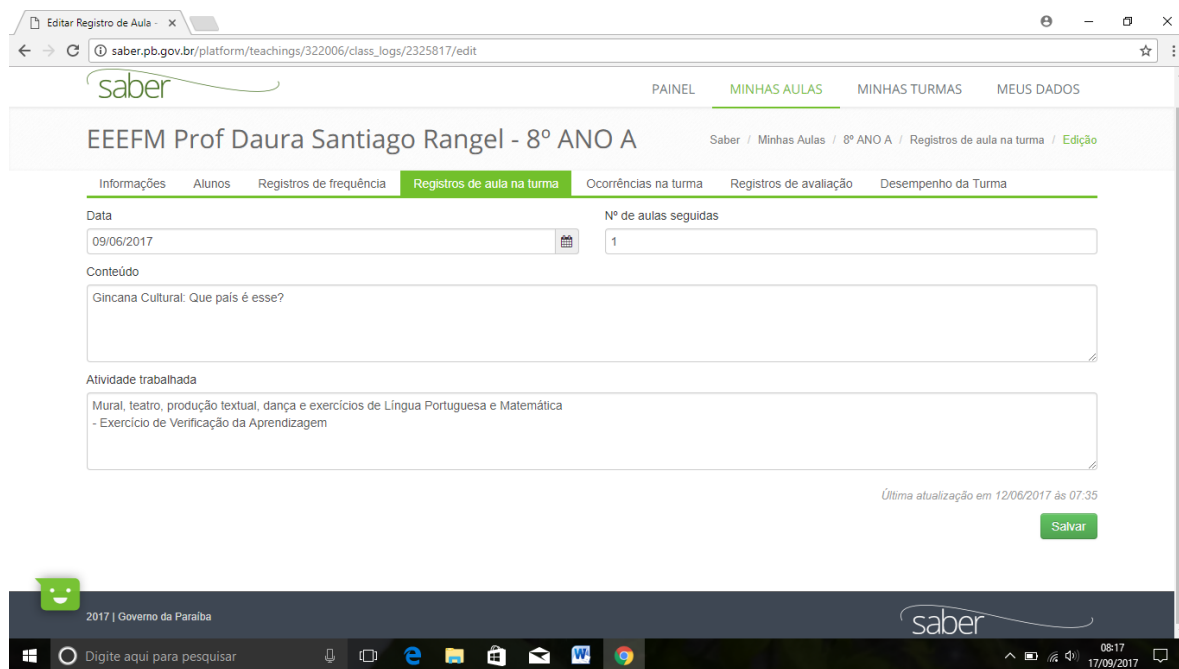
The screenshot shows a web browser window displaying a blog post. The browser's address bar shows the URL: educfreirehistoria.blogspot.com.br/2017/09/desfile-civico-da-eeefm-daura-santiago.html. The blog post features a graphic of the Brazilian flag with the motto "Ordem e Progresso" in the center. Below the graphic, there is a text block: "O projeto DIREITOS HUMANOS PARA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA da E.E.E.F.M. Daura Santiago Rangel, turno da tarde, apresentou no desfile cívico realizado na Av. Duarte da Silveira em comemoração à Independência do Brasil alguns temas didáticos pedagógicos que são desenvolvidos na comunidade escolar."

Fórum Cultural Direitos Humanos



REGISTROS DE AULAS 8º A

Gincana Cultural: Que país é esse?



Trabalho de pesquisa: Respeito

Editar Registro de Aula - X

saber.pb.gov.br/platform/teachings/322006/class_logs/3564443/edit

PAINEL MINHAS AULAS MINHAS TURMAS MEUS DADOS

EEEFM Prof Daura Santiago Rangel - 8º ANO A

Saber / Minhas Aulas / 8º ANO A / Registros de aula na turma / Edição

Informações Alunos Registros de frequência **Registros de aula na turma** Ocorrências na turma Registros de avaliação Desempenho da Turma

Data 28/07/2017 N° de aulas seguidas 1

Conteúdo

Respeito

Atividade trabalhada

Produção de poema, desenho, escrito acerca do tema - Exercício extracurricular - Exercício de Verificação da Aprendizagem

Última atualização em 29/07/2017 às 07:03

Salvar

2017 | Governo da Paraíba

08:18 17/09/2017

Fórum de Conhecimento: Direitos Humanos na Construção da Cidadania

EEEFM Prof Daura Santi - X

saber.pb.gov.br/platform/teachings/322006/class_logs

SABER AJUDA NOVIDADES SAIR (JOSE SOBRINHO)

PAINEL MINHAS AULAS MINHAS TURMAS MEUS DADOS

EEEFM Prof Daura Santiago Rangel - 8º ANO A

Saber / Minhas Aulas / 8º ANO A / Registros de aula na turma

Informações Alunos Registros de frequência **Registros de aula na turma** Ocorrências na turma Registros de avaliação Desempenho da Turma

A partir de Antes de Registrado por

Busque por registros de aula Buscar Novo registro de aula

Data	Registrada por	Nº de aulas seguidas	Disciplina	Conteúdo	Atividade trabalhada	
22/09/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Fórum de Conhecimento: Direitos Humanos na Construção da Cidadania	Exercício de Fixação da Aprendizagem - Relatório	Editar
15/09/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	O que gosto em mim	Exercício reflexivo	Editar
08/09/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Fórum de Conhecimento: Direitos Humanos na Construção da Cidadania	Exercício de Verificação da Aprendizagem - Produção de peça de teatro, mural e maquete	Editar
01/09/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Gostar de si mesmo	Aula expositiva utilizando o quadro Obs.: Amar a si mesmo - Exercício extracurricular - produção textual - Referente a aula do dia 25/08/2017	Editar
18/08/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	A importância da comunicação na vida	Aula expositiva utilizando o quadro	Editar

08:23 26/09/2017

REGISTROS DE AULAS 8º B

Gincana Cultural: Que país é esse?

Editar Registro de Aula - x

saber.pb.gov.br/platform/teachings/322050/class_logs/2325840/edit

PAINEL MINHAS AULAS MINHAS TURMAS MEUS DADOS

EEEFM Prof Daura Santiago Rangel - 8º ANO B

Saber / Minhas Aulas / 8º ANO B / Registros de aula na turma / Edição

Informações Alunos Registros de frequência Registros de aula na turma Ocorrências na turma Registros de avaliação Desempenho da Turma

Data 08/06/2017 Nº de aulas seguidas 1

Conteúdo

Gincana Cultural: Que país é esse?

Atividade trabalhada

Mural, teatro, produção textual, dança e exercícios de Língua Portuguesa e Matemática
- Exercício de Verificação da Aprendizagem

Última atualização em 12/06/2017 às 07:37

Salvar

2017 | Governo da Paraíba

08:21 17/09/2017

Trabalho de pesquisa: Respeito

Editar Registro de Aula - x

saber.pb.gov.br/platform/teachings/322050/class_logs/3564449/edit

PAINEL MINHAS AULAS MINHAS TURMAS MEUS DADOS

EEEFM Prof Daura Santiago Rangel - 8º ANO B

Saber / Minhas Aulas / 8º ANO B / Registros de aula na turma / Edição

Informações Alunos Registros de frequência Registros de aula na turma Ocorrências na turma Registros de avaliação Desempenho da Turma

Data 27/07/2017 Nº de aulas seguidas 1

Conteúdo

Respeito

Atividade trabalhada

Produção de poema, desenho, escrito acerca do tema - Exercício extraclasses - Exercício de Verificação da Aprendizagem

Última atualização em 29/07/2017 às 07:04

Salvar

08:22 17/09/2017

Fórum de Conhecimento: Direitos Humanos na Construção da Cidadania

EEEFM Prof Daura Santiago Rangel - 8º ANO B

Saber / Minhas Aulas / 8º ANO B / Registros de aula na turma

Informações Alunos Registros de frequência **Registros de aula na turma** Ocorrências na turma Registros de avaliação Desempenho da Turma

A partir de Antes de Registrado por

Busque por registros de aula Buscar Novo registro de aula

Data	Registrada por	Nº de aulas seguidas	Disciplina	Conteúdo	Atividade trabalhada	
21/09/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Fórum de Conhecimento: Direitos Humanos na Construção da Cidadania	Exercício de Fixação da Aprendizagem - Relatório	Editar
14/09/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	O que gosto em mim	Exercício reflexivo	Editar
31/08/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Fórum de Conhecimento: Direitos Humanos na Construção da Cidadania	Exercício de Verificação da Aprendizagem - Produção de peça de teatro, mural e maquete	Editar
24/08/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Gostar de si mesmo	Aula expositiva utilizando o quadro	Editar
17/08/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	A importância da comunicação na vida	Aula expositiva utilizando o quadro	Editar
10/08/2017	Jose Freire Sobrinho	1	Ensino Religioso	Reapresentação do assunto sobre	Apresentação da produção de poema	Editar

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200109.htm>> Acesso em 07 de ago. de 2017.
- AQUINO, Júlio de Groppa (Organizador). Vivendo o preconceito em sala de aula (ITALINI, Alice). In: _____. **Diferenças e Preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: 1998. p. 119-151.
- ARAÚJO, José Carlos Souza. Salas de aula ou o lugar da vinculação do discurso dos oprimidos. In: MORAIS, Régis de (Org.). **Sala de aula que espaço é esse?**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.
- BOFF, Leonardo. A experiência originária: a Ex-istência / Transcendência: capacidade de romper interditos. In _____. **Tempo de Transcendência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.25-29.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**. 32ª ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1994. 111p.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Pluralidade Cultural**. In: _____. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 117-165.
- ELIADE, Mircea. 1907 1986. Quando o sagrado se manifesta. In _____. **O sagrado e o profano** [tradução Rogério Fernandes].– São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. Identidade e memória. In _____. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009. p. 86-88.
- MACHADO, Nilson José. Sobre a ideia de tolerância. In: _____. **Cidadania e Educação**. 4ªed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.79-81.
- MARKO, Leslie. **Teatro em sala de aula: Um novo olhar que toca e transforma**. Disponível < arquivos.info.ufrn.br/arquivos/.../Teatro_em_sala_de_aula.pdf > Acesso em: 16 de set. 2017.
- MIRANDA, Lourenço et. al. **Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas**. Revista **CEPPG**, Goiás, n.20, p.172-181, s/m. 2009. Disponível em www.portalcatalao.com/painel...cesuc/.../a1129237b55edac1c4426c248a834be2.pdf>. Acesso em 18 de set. 2017.
- MÜLLER, Luiza de Souza. **A interação professor- aluno no processo educativo**. Disponível em <https://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>

Acesso em 13 de set. 2017.

NIDELCOFF, Maria Teresa. Os homens de outros tempos. In: ____ **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 68-101.

PEREIRA, Silvio Costa. Mídia- Educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis. In: ____ **Gt-16- Educação e Comunicação** – UFSC. 2011, Florianópolis, Santa Catarina. p.1-16.

SEABRA, Carlos. Blogs. In: ____ **Tecnologias na escola – como explorar o potencial das tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. p. 14-15.

SEE-PB: **Plataforma Saber**. Disponível em <<http://saber.pb.gov.br>>. Acesso em: 11 de nov. 2017.

SENA, Luzia (org.). Ensino religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas (PASSOS, João Décio). In: ____ **Ensino Religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p.21-62.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Crítica à infelicidade na escola: o lugar de Rubem Alves na filosofia da educação. In: ____: NUNES, Antônio Vidal (Org.). **O que eles pensam de Rubem Alves de seu humanismo na religião, na educação e na poesia**. São Paulo: Paulus, 2007. p.113-134.

SILVEIRA, Rosa Godoy et al.. **Diversidade Religiosa e Direitos Humanos**. Disponível em <<http://www.mpggo.mp.br/portal/system/resources/W1siZiIsIjIwMTMvMDQvMjUvMDI1fMjBfMTdfMzEzX0RpdmVyc2lkYWRIY3JlbGlnaW9zYV9lX2RpcmVpdG9zX2h1bWFub3MucGRmIl1d/Diversidade%20religiosa%20e%20direitos%20humanos.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. de 2017.

STEIGER, André. História do homem ou da consciência (cap. 5)/História da morte (cap.6). In: ____ **Compreender a história da vida (Do átomo ao pensamento humano)**. São Paulo: Paulus, 1998. p.130-136 / 167-168.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 15 de set. 2017.